MARIO MONTEIRO
DA ACADEMIA DE SCIENCIAS
DE PORTVGAL
& HONORARIO DO
ATENEO NACIONAL ARGENTINO

945
O.R. 30-10-924

ALEIXO GARCIA

DESCOBRIDOR PORTVGVEZ
DO
PARAGVAY & DA BOLIVIA
EM 1524-1525
GLORIA IGNORADA DE PORTVGAL

LISBÔA

EDITORA – LIVRARIA CENTRAL DE H. E. G DE CARVALHO
14-A, AVENIDA ALMIRANTE REIS, 14-C
1923

REGIMENTO DE INFANTERIA
BIBLIOTECA
N.º 32

RC
NCT
92
ION

ALEJXO
GARCIA

EXPLICAÇÃO PRÉVIA

Resolvi, ha anos, por desgostos varios, e em horas bem amargas, não editar mais livros, limitando o ambito da minha acção aos já editados. Interrompo, porém, agora, tal resolução por se me oferecer mais uma vez ensejo de bem servir o Paiz, evidenciando elementos comprovativos de incontestavel gloria nacional, por feliz acaso encontrados.

Não deve, pois, causar surpresa a resolução tomada por quem, pela Patria e pela Republica, se decidiu **tudo** *sacrificar.*

Lisboa, 10 de Novembro de 1923.

O EDITOR

REGIMENTO DE INFANTERIA
BIBLIOTECA
N.º 32

945
O.R. 30-10-924

ALEIXO GARCIA

DE MARIO MONTEIRO:

ALTIVA — Verso — Lisboa.
COIMBRA — Historia — Esgot., Coimbra.
ANGELUS — Verso — Esgot., Coimbra.
ALCACER-KIBIR — Verso — Esgot., Coimbra.
A MOLEIRINHA — Verso — Lisboa.
PAVÕES — Inquerito á geração academica do meu tempo — Esgot., Coimbra.
TYPOS DE COIMBRA — Prosa — Lisboa.
ROSARIO DE LUZ — Poema — Lisboa.
A ALVORADA — Inquerito semanal á vida portuguesa — Esgot., Lisboa.
LIÇÃO AO POVO — Cartilha de educação civica — Lisboa.
CARTA DE UM PORTUGUEZ AO REI ALBERTO DA BELGICA — Rio — 1920.

THEATRO:

DIVINO AMOR — Peça historica, publicada em livro — Lisboa.
ALDEIA EM FESTA — Comedia-drama publicada e representada em Portugal — Lisboa.
AMORES DA TRICANA — Opereta em 3 actos, representada em Lisboa e no Brasil,
5 DE OUTUBRO — Drama historico em 4 actos, representado em Lisboa e no Brasil.
AMOR DE PERDIÇÃO — Melodrama representado no Theatro Apolo — Rio de Janeiro.
VIDA MILITAR ou O 32 DE DRAGÕES — Peça militar, traduzida. Theatro Recreio — Rio de Janeiro.
LOBOS NA SERRA — Opereta em 2 actos, representada no Theatro S. Pedro — Rio de Janeiro.
NOVO SOL — Peça patriotica representada no Theatro Amazonas, de Manáos, em 5 de Outubro de 1915.
A AVOSINHA — Opereta em 2 actos. Theatro S, José — Rio de Janeiro.
QUE RICO TYPO! — Fantasia-revista em 2 actos. Theatro Carlos Gomes — Rio de Janeiro.
O MANDARIM — Fantasia, em 2 actos, sobre a novela de Eça de Queiroz. Teatro S. Pedro — Rio de Janeiro.
O ZÉ LUSO — Revista em 2 actos. Theatro S. José — Rio de Janeiro.
JOFFRE — Drama em 3 actos. Theatro Recreio — Rio de Janeiro.
BANDEIRA DE PORTUGAL — Episodio dramatico representado em 5 de Outubro de 1918. no Theatro Republica — Rio de Janeiro.
COIMBRA EM DESCANTES — Episodio — Teatro S. Pedro — Rio.
A GUITARRA PORTUGUEZA — 1 acto. Festa do *Jornal Portuguez*. (no 31 de Janeiro) — Theatro Republica — Rio de Janeiro.
NOITE DE S. JOÃO — Episodio. Theatro Carlos Gomes — Rio de Janeiro.
LISBOA NO RIO — Fantasia em 2 actos. Theatro S. José — Rio.
PERFUMES E RENDAS — 1 acto em alexandrinos.
ESTRELA D'ALVA — 2 actos. Theatro Recreio — Rio de Janeiro.
VIOLA DE CABOCLO — 3 actos. Theatro S. Pedro — Rio de Janeiro.
LUSITANIA! — Episodio patriotico sobre Gago Coutinho e Sacadura Cabral — Representado no Theatro Nacional, do Porto.
RÊDES AO MAR! — Opereta em 3 actos, sobre costumes dos poveiros. Foi interditada pela policia a sua representação no Theatro S. Pedro (Rio de Janeiro) onde estava em ensaios, quando estalou a campanha nativista de 1921.
AUTO DA RAÇA! — Inédito.

EM PREPARAÇÃO:

PATRIA LINDA! — Para os portuguezes longe da sua terra natal.

MARIO MONTEIRO

(Desenho de Carlos Reis)

REGIMENTO DE INFANTERIA
BIBLIOTECA
N.º 32

MARIO MONTEIRO

Da Academia de Sciencias de Portugal e honorario do Ateneo Nacional da Argentina

ALEIXO GARCIA

Descobridor portuguez do Paraguay e da Bolivia, em 1524-1525.

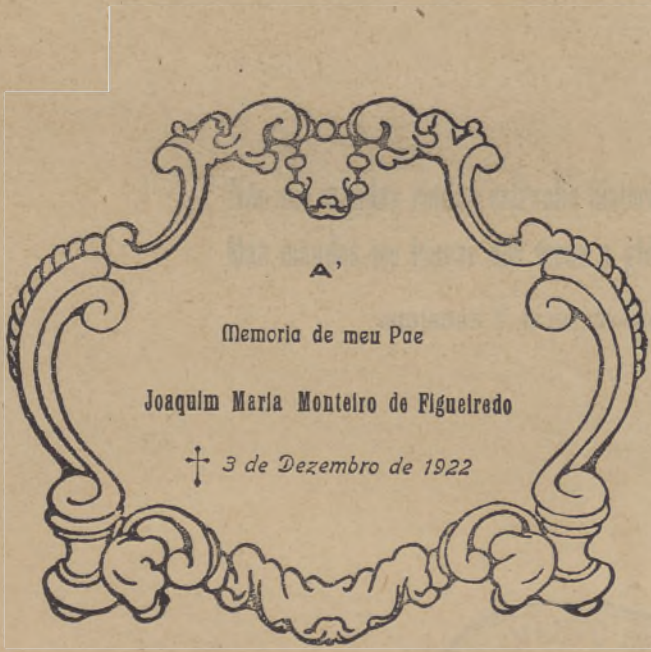
Gloria ignorada em Portugal

REGIMENTO DE INFANTERIA
BIBLIOTECA
N.º 32

EDITORA—Livraria Central de H. E. G. de Carvalho
14-A, Avenida Almirante Reis, 14-C
LISBOA-1923

Rc
MNCT
92
MON

BIBLIOTECA
N. 32


A'
Memoria de meu Pae
Joaquim Maria Monteiro de Figueiredo
† 3 de Dezembro de 1922

Não me mandas contar estranha historia,
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

LUSIADAS C. III Est. III—CAMÕES

A's Gloriosas Republicas do Paraguay e da Bolivia que tão carinhosamente me acolheram

Ofereço do coração

Lisboa — 1923.

REGIMENTO DE INFANTERIA
BIBLIOTECA
N.º 32

ALEIXO GARCIA

De todas as viagens que fiz, na America do Sul, a subida do Amazonas e a passagem pelos rios Paraná e Paraguay foram para os meus olhos de romantico impenitente e curioso um ininterrupto desfiar de maravilhas em flôr.

O rio Paraguay que nasce na cordilheira dos Parecys, no Estado de Matto Grosso (Brasil), banha, no seu curso de 2:220 kilometros, o Brasil, a Bolivia, o Paraguay, a Republica Argentina e desagúa no Paraná, recebendo aguas do Sepotúba, do Jaúrú, do Cuyabá, do S. Lourenço e do Taquary.

Ramificando-se, infiltrando-se pelas terras marginaes, é o Pilcomáyo um dos muitos filetes de agua que se despedem, n'aquellas regiões, em demanda de novas paragens. Pilcomayo, denominação quíchua, segundo os peruanos, queria dizer — «rio dos passaros» — por serem abundantes e variadas as aves que por lá se cruzam. Segundo outros, significava — «rio vermelho». Era por elle que se chegava, em tempos antigos, ás regiões coalhadas de prata, ao sul de um pequeno affluente d'esse mesmo rio onde se ergue a cumiada celebre do Potosi que, derivado de Potojchi, se dizia ser o «monte brotador de prata», uma especie de

Sinai indigena. (¹) Diz-se que Huayna Capac, o Poderoso, já tinha adivinhado, em eras remotas, a existencia de tão poderosa riqueza e, assim, Potosi, com os seus thesouros fabulosos, apresentava-se como uma deliciosa miragem aos olhos dos audaciosos, dos aventureiros que mais aguçavam o seu estimulo atravez do nevoeiro das lendas.

A seis ou sete leguas de Potosi, para S. O., fica o cerro chamado «Porco» onde, nos remotissimos tempos dos Incas, existiu a mina mais famosa e *«de donde se sacó la mayor parte de la plata que habia en el templo del sol»*, edificado em Cuzco, segundo nol-o anunciam a *Colección de Documentos Ineditos relativos al descobrimiento y organización de las antiguas posesiones españolas*, o *Tomo XV, n.os 384 e 385 da Demarcacion y division de las Indias*, as *Relaciones Geograficas de Indias* (Tomo II, pag. 90 a 98, o *Diccionario de Alcedo*, o *Diccionario Encíclopedico Hispano-Americano* (na palavra *Porco*), e Prescott na sua *Conquista del Perú* que nos diz: *«Las minas de plata de Porco, especialmente, les producian (á los Incas) una cantidad considerable de ese mineral»*.

Na mesma direcção, perto de outra mina afamada mas de menor valor, ficava *Chóque-Cháca*, que deu origem a Chuquisáca (Kramer, na sua *Historia de Bolivia)* hoje cidade de Sucre.

Mais para Oeste, ficava o valle *Chuquiabo* (Kramer, na *Cronica del Perú*, capitulo 106, e Juan Lopez de Velasco na *Descripcion Universal de Indias*, artigo *La Paz*) no qual os naturaes rendiam culto ao *Deus do Ouro Inexgotavel.*

Era crença do indio peruano que o ouro symbolisava as lagrimas choradas pelo sol.

(¹) «Los naturales llamaban al cerro, en tiempo de su gentilidad, *Potojchi* que quiere decir brotador de plata»—(*Anales de la Villa Imperial de Potosi* — Bartolomé Nuñez Videla).

—«Cerro que brota plata»—(*Cronicas potosinas* — O. Modesto Ounite).

—«Potosi es nombre de todos los cerros e cosas elevadas»—(*Descripción Universal de Indias*—López de Velasco).

—«Potosi—«manantial de plata»—(*Leyenda de los Indios Quichuas*—Oliveira Cesar).

—«Era Potosi un «huaca», adoratorio»—(*Memorial nas Relaciones Geográficas de Indias*—publicado pelo Ministerio do Fomento, no Paraguay).

Como todos sabem, o ouro, desde a mais remota antiguidade, foi sempre considerado pelas suas propriedades especiaes e os alchimistas dedicaram-no ao sol que denominavam *Rei dos metaes*. E como o ouro se encontrava na natureza em estado livre, de côr amarella brilhante, como tive ensejo de ver nas profundezas da mina da Passagem, no Estado de Minas Geraes (Brasil), e para a sua extracção não era necessario nenhum processo metalurgico complicado, foi certamente esse o primeiro metal conhecido pelos povos mais atrazados. Os hebreus, os phenicios e os egypcios dão-nos noticias d'elle chamando-lhe *zaháb* que deriva do verbo *tsaháb* significando: *brilhar, resplandecer*. Deveriam até ter sido de ouro os primeiros instrumentos metalicos pois que os proprios livros sagrados, os mais antigos que se conhecem, assim o confirmam. O *Pentateuco* fala-nos de taças, copos, turíbulos e candelabros feitos de *ouro puro*, trabalhados pelo martello.

Moysès, ao confeccionar o seu Tabernáculo, dizia aos israelitas que o cobrissem com laminas de ouro puro *(zaháb tahor)* porque *tahor* significava puro, sem méscla, o que nos faz presumir que o povo de Israél, conhecendo já o ouro, não desconhecia tambem o processo de beneficial-o.

Os romanos referem-se, a cada passo, ao *áurum* e os gregos falam-nos d'elle chamando-lhe *expúdos*.

A propria Hespanha, pelos seus *escoriaes*, onde n'um d'elles assenta ainda um palacio real, mostra-nos que a exploração do ouro foi coéva dos romanos.

Ha mesmo velhas chronicas que alludem á chuva do ouro pelo fogo o que prova o conhecimento pleno da obtenção d'esse metal pela fusão de certos mineraes auriferos.

Plinio fala-nos do ouro e de todas as suas propriedades chegando a dizel-o tão dúctil que é susceptivel de ser fiado como a lã, o que de facto se fez outr'ora pois que a imperatriz Agripina, mulher de Claudio, assistiu a um simulácro de combate naval ostentando um riquissimo manto tecido com fios de ouro puro.

Ainda Plinio, indignado, lamenta que os romanos abusassem do ouro a ponto de fabricarem com elle objetos para o uso mais baixo como sucedia, por exemplo, no tempo de Marco An-

tonio, do triumvirato de Roma, falando-nos tambem do processo de dourar a fogo, antes da actual galvanisação, para simular o ouro nos objectos de uso comum. Por sua vez, a propria medicina antiga deu a esse metal um papel importante fazendo-o figurar, finamente ministrado, em diversos elixires. Não ha pois que extranhar essa adoração do ouro no vale *Chuquiabo*, esse valle ameno que, em epochas geologicas, fôra cavado pelas aguas e no qual se fundou *La Paz*, a bella capital da Bolivia. A Éste, erguia-se o magestoso *Ilimani*, a dez mil metros acima do solo, desafiando, lá no alto, com a sua alvura, o desencadear das tormentas e a visita dos condôres. A cordilheira dos Andes cruza, em grande extensão, o territorio boliviano, apresentando sempre as suas montanhas cobertas de neve. Entre estas, uma das maiores tem sete mil metros acima do nivel do mar formando todas um forte espinhaço de granito.

Mas a mais elevada é o *Illampû*, ou Soráta, que se eleva a 7:696 metros sobre o mar seguindo-se-lhe o *Illimani*, ao oriente de La Paz, com 7:509 metros, como se fôra uma eternamente noiva na brancura da neve que o envolve.

Magestoso e mysterioso foi o Illimani, durante largos tempos, a tentação constante dos espiritos sonhadores e amantes da aventura mas todas as excursões para devassal-o até ao cume fracassaram por completo, até mesmo as chefiadas por Baudelier e Martin Conway.

No emtanto, em 1914, Adolfo Schultze, Eugenio Beugel, Rodolfo Dienst e Eduardo Oberluch conseguiram vencer todos os obstaculos fincando, lá no alto, a bandeira allemã. Tal audacia motivou a desconfiança do povo boliviano, que tomava a empreza como impossivel, mas os professores do Colegio de Jesuitas de San Calixto, empregando o poderoso telescopio que possuem, declararam que no pico mais alto do Illimani tinha sido firmada, de facto, a bandeira levada pelos valentes excursionistas. Ao mesmo tempo, a Sociedade Geografica de La Paz, composta de bolivianos e extrangeiros de reconhecido mérito, publicava o seguinte: — «Sociedad Geografica-La Paz. El vice-presidente de la *Sociedad Geografica*, en actual ejèrcicio de la presidencia, certifica que habiendose constituido el dia seis del corriente en el observatorio de los R. R. P. P. Jesuitas, observó com el gran te-

lescopio la existencia de una bandera en el pico mas alto del Illimani, plantada por los ascencionistas, que hace referencia la prensa de estos ultimos dias, y que quedará consignado en los anales de la sociedad cientifica que presido. — Profesor Arthur Posnansky — Colegio San Calixto. La Paz, Bolivia, 12 de Junio de 1915. Vº Bº — Martin Mendoza».

O relato dos excursionistas, em breves linhas, dizia o seguinte: — «El 25 de Mayo iniciámos la ascención de esa inmensa mole, cuya cima jamás habia pisado pié humano. El dia se presentaba esplendido. No habia grandes corrientes de aire y nos felicitábamos de poder empezar la empresa en forma tan favorable. La primer jornada fué buena. Al otro dia, ya en las estribaciones escarpadas, comenzamos a sentir los frios cordilleranos. Nuestro ánimo, fortalecido por el proposito de llegar, nos ayudaba a la dificil ascención. La nieve, allá arriba, clareando entre las nubes, nos parecia una ameaza. Subimos. Por un lado, las vertientes produciendo ruidos ensordecedores. Por otro, las moles graniticas como enormes punzones. Abajo, el valle a cuyo pié quedaba La Paz, achicándose por horas. La fatiga se inicia al tercer dia, por el enrarecimiento del aire. Tenemos que ir rodeando la montaña por los arduos desfiladeros. Al fin, después de dos jornadas más, nos sentimos próximos a la cima.»

Estes documentos ficam aqui apenas a titulo de curiosidade. O Illimani, (em lingua romance) quer dizer *cousa eterna* e, justificando o seu nome, eternamente resistirá intacto ao desfiar de sucessivas gerações. Leia-se a tal proposito a *Descripción y Relación de la ciudad de La Paz*, no tomo II das *Relaciones Geograficas de Indias*. Renan fala-nos no culto dos rochedos ou montanhas e o Illimani era realmente adorado, tal como o Islúga pelos indios do Chile e como o sol o era pelos tupys.

Corria entre os seus adoradores que o Illimani ocultava nas entranhas de granito uma infinita e deslumbrante porção de ouro e prata, facto esse que o Dr. Cosme Bueno confirma na sua *Descripción del Perú*.

Para os lados do poente, por entre as nuvens, divisava-se o *Titicaca* ou *Titikaka* que desempenhou um papel importante na historia dos antigos povoadores do Perú. Foi numa das suas ilhas, a do Sol, que a lenda quíchua collocou o berço dos Incas.

Diz-nos Garcilaso de la Vega que o nome *Titicaca* (1) provém de duas palavras: *titi*, que significava «chumbo» para os quíchuas, e *caca* que queria dizer «penhasco», «rochedo» ou «cadeia de montanhas». O lago tomou assim o nome de «montanha de chumbo» certamente em referencia ás serras que o cingem. São contrarias e diversas as opiniões sobre a sua profundidade aceitando-se geralmente que nos sitios mais fundos deverá ter uns 250 a 270 metros. Collocado entre os 16° e 20° de latitude sul e 60° e 71° de longitude oeste de Paris, na *meseta* central da America do Sul, o Titicaca conserva de inverno uma temperatura de 9 graus sendo as suas aguas, então, de uma bella côr azul nas bahias sem profundidade e verdes quando o leito se encontra revestido de plantas aquaticas formando um tapete, lá em baixo.

Apesar da sua altura de 12:850 pés sobre o nivel do mar, posição essa que em qualquer outra parte do mundo conservaria vastos lençoes de gelo, o Titicaca não deixa que as suas aguas congelem porque as tempéra o fogo subterraneo d'aquelles terrenos vulcanicos como os que, por um movimento geologico intenso, fizeram derrubar, ha poucos annos ainda, varios edificios de La Paz entre os quaes o famoso Instituto de Antropologia, em estylo tihaguanaquense, propriedade do sr. Arturo Pons-

---

(1) «Titicaca, Lago. O maior lago da America do Sul, dividido entre a Bolivia (SE) e o Perú (NO). Está situado a 3:813 m. de altitude entre os contrafortes de duas cordilheiras: a O a cordilheira exterior (6:100 m.); a E a cordilheira interior. Antigamente tinha o nivel a 120 metros mais alto; era então um mar interior que desaguava na bacia do Arizona pela brecha da montanha em que se ergue hoje a cidade de La Paz; agora desagua ao S pelo Desaguadero, no lago Aullagas, cujas aguas se evaporam finalmente em grandes pantanos salgados na parte meridional da bacia fechada Tem 209 km. de comprimento e 48 km. de largura. Está dividido em promontorios e contém varias ilhas. Em certos pontos a sua profundidade é de 213 m., mas tem grandes porções pouco fundas e as margens, especialmente no sul, são pantanosas e cobertas de juncos.

As aguas são turvas, ligeiramente amargas, mas muito piscosas.

O lago deve o seu nome á ilha principal que encerra, onde, conforme uma tradicção muito antiga, Manco-Capac fizera a sua primeira residencia.

As regiões circumvisinhas foram o local de uma antiga civilisação indigena de que ainda existem restos architectonicos. As ruinas mais importantes são as do Tiahuanaco. O lago era navegado apenas por jangadas indias, mas desde a abertura da estrada de ferro para Arequipa e a costa do Pacifico tem sido navegado por vapores.» —*(Enciclopedia e Diccionario Internacional)*.

nanstky. A 16° 22' 53" de latitude e 71° 12' 22" de longitude, existe um estreito formado pelas peninsulas de Copacabana e Huarina.

Denomina-se estreito de Tiquina e mede 666 metros dividindo o Titicaca em dois lagos. Um é propriamente o Titicaca e o outro é o Vinamarca. O primeiro encerra vinte e cinco ilhas e as peninsulas de Copachica, Chucuito, Copacabana e Huarina. A ilha principal é a que conserva o mesmo nome do lago e á sua volta há sete outras que formam um archipelago á parte da famosa ilha de *Coati* ou da Lua. A valente nação aymará fundára ali um grande imperio (que a féra espada de Pizarro derrubou) dilatando a sua incontestavel civilisação por uma grande parte do continente sul americano, desde a Colombia, ao norte, até á Argentina, ao Sul. Da sua adeantada cultura dão-nos uma prova evidente as ruinas de Tiahuanacu e as da cidade santa dos Incas, a mysteriosa *Tampu-Tocco*, templo augusto alcandorado nos Andes e já ha muito celebrado nas allusões dos conquistadores primitivos. Foi o explorador e professor norte americano M. Hiram Bingham quem, custeado pela Universidade de Yale e pela Sociedade Geografica Nacional de Washington, conseguiu descobrir, recentemente, essa maravilha, no cume de Machu-Picchu dentro do Valle de Hurubamba e a seis dias de Cuzco, a antiga capital dos Incas.

Das margens do Titicaca é que os Incas, taes como os Romanos que assimilavam para a sua região grande parte das crenças religiosas dos povos por elles conquistados, levaram a extraordinaria ductibilidade do idioma aymará, seus usos e costumes, por intermedio do chefe sacerdote Manco Kapay e sua irmã e esposa Mama-Ocllа, para as tribus quichuas entre as quaes fundaram o grande imperio de Tahuantinsuyo cujo primeiro Inca, ou imperador, foi o proprio Kapay.

No lago Titicaca, ao sul, é que rompe o *Desaguadero*. o rio que corre a maior altura em todo o mundo, rivalisando victoriosamente com o Indo que tem o seu curso no Tibeth, e as suas cabeceiras a 6:600 metros ao norte do monte Kailas Parbat. Segundo a crença aymará, *Viracocha* (espuma do lago) uma das suas divindades que fez nascer, das fontes e dos rios, os animaes que povoaram a terra, cobrindo-a de vegetação e fazendo desapparecer a neve que *Khunú* (ser que personifica o frio) se lembrára

de crear, recebeu a maior das ingratidões. Os crentes esqueceram os seus beneficios e foi por isso que Viracocha mandou á terra *Taapaj* ou *Tumpa*, uma especie de Christo, para redempção da sociedade corrupta.

Foram porém inuteis esses esforços e, arremessado ao lago, dentro de um sacco, foi o seu corpo bater na costa abrindo-se então, nesse ponto, o *Desaguadero* que entrou, por este modo, na mythologia aymará e faz um percurso de 297 kilometros.

Tupac-Yupanqui (11.º Inca, morto em 1440) mandou construir no lago Titicaca um grandioso templo ao Sol por se dizer tambem que o nome derivava de *Inti-Kaka*—penha do Sol. E, desde esse tempo, tornou-se um logar sagrado o vasto lago de agua salgada em cujas paragens se erguem as ilhas do Sol e da Lua, onde ha varias ruinas de monumentos megaliticos só excedidos pelos immensos monolithos do antigo Egypto, e onde navegam magnificos navios, alguns de 1:200 toneladas de registo construidos nos estaleiros de Puno, a cidade marginal silenciosa e triste, ou levados, em secções, da Inglaterra, para serem montados na praia do Titicaca. Esses barcos gastam mais de doze horas de Puno, términus do ferro-carril peruano, a Guaqui que é o ponto inicial da linha ferrea que se dirige a La Paz. Mas para vir de Cuzco a Puno ainda urge atravessar povoados como Sicuani e Juliaca, exclusivamente de indios, havendo a notar que o proprio lago é frequentemente revolucionado por tempestades terriveis. Junto do templo consagrado ao Sol pelos astrólatras surgiram outros dedicados ao trovão e ao relampago e uma casa de sacerdotisas virgens, á imitação das práticas dos druidas e dos antigos romanos. Essas novas vestaes encarregadas da manutenção do fogo sagrado que o grande sacerdote *Villac Huma* accendia no inicio da primeira estação annual *(Kapay-Raimi)* eram enterradas vivas caso o amor lhes ferisse o coração. O amante era enforcado e era tambem arrazada a povoação natal da sacerdotisa que prevaricava.

Uma excepção apenas nos legou a tradição atravez do *Ollantay*, um dos varios poemas dos Incas. Cuisi-Coillur, filha do Inca Pachacutec, heroina desse poema e enamorada do valente chefe Ollantay, conseguiu casar com elle devido á grande generosidade do 11.º Inca Jupanqui, o piedoso. Quando Manco-

Kapayh e sua esposa se retiraram para os quichuas serviram-se das tradicionaes balsas de palha, como as que ainda existem actualmente em serviço no lago Titicaca, com as suas velas tambem de palha recordando uma ventaróla ou um abano de cosinha.

São essas as embarcações que mais frequentemente passam pelo estreito comprehendido entre as ilhas Titicaca e Coati e a peninsula de Copacabana que é celebre pelas suas ruinas incásicas e pelas suas romarias de agosto, á Virgem, nas quaes entram sempre os indios aymarás e os *cholos* (mestiços de indio e branco) que se chamam *morenos*. Emplumados na cabeça e mascarados, envergando variegadas casacas de velludo bordadas a ouro, fazem com que a sua extravagante caravana seja precedida de uma orchestra de instrumentos indigenas *(sicuri)* executando o *huainu*, sapateado triste e monotono das velhas canções aymarás. E, mal chegam ao santuario, rompe o uso imoderado da *guachuchu* (aguardente de uvas), dos *guaicanis* (picantes) e da *chicha* (aguardente de milho), bebida violenta que eu tive ensejo de provar servida em taças, como champagne, em Puerto Suarez, celebrando a independencia da Bolivia, em 6 de Agosto de 1916.

O santuario de Copacabana, foi, no seu tempo, o mais celebre na America. Data de 1583, dadiva munificente de um dos condes de Lemus e da nobreza peninsular que fôra explorar as jazidas auriferas nas terras do Potosi. (1)

(1) Potosi é ainda hoje uma cidade de lendas e de escudos. Sobre a *heraldica potosiana* disse W. Jayme Molins, em *Caras y Caretas* (Buenos Ayres):

—«Pero quedaron los blasones, limpidos, preciaros, inconfundibles, prolongando en las casas solariegas la médula de aquella aristocracia nativa, encastada en la sangre de los conquistadores.

—Y es lástima que el famoso escudo del criollo don José de Quirós haya desaparecido del antiguo portal.

Queda, sin embargo, el rastro de su lema invicto, en viejos papelotes de la colonia: «Armas y blasón de los descendientes del Cid Campeador», dice el troel, custodiado por el águila imperial, como si el designio de su señor, al sostener entronque tan linajudo, fuera por la prolongación del heroismo hispano en la sangre moza y viril de los pueblos de Américea.—No mueren ni morirán los blasones de Potosi. Y no morirán, por que no es la vanidad personal la que los custodia.

Es el sentimiento local el que los perpetúa. Es la ciudad misma que los cuenta en su patrimonio, con la immateralidad de un himno, de una bandera, de un monumento ofrendario, de una canción tradicional.»

A Companhia de Jesus edificou-o e os indios *yunguyos* continuaram dando áquella região o nome de Copacabana— «logar de onde se podia vêr a pedra preciosa»—ou, decompondo o vocabulo:—*Copa* (pedra fina), e Cabana (derivado de *Kaguana)* logar de onde se pode vêr ou observar».

Levou sessenta annos a construcção d'esse templo, meio gothico e meio hellenico, no qual a imagem da Virgem recebeu um culto tão celebre como o da Madona de Luján ou de Santa Rosa de Lima, a suave protectora da America. D'ahi a inveja dos dominicanos pelo exito de tal obra dos jesuitas e o motivo porque foram erguidas logo as primeiras pedras do sumptuoso templo de Pomata, hoje em terras do Perú, nas margens do lago, como reencarnação bysantina cheia de capiteis, arcadas e arabescos.

A essas questões locaes de benedictinos e jesuitas dizem que não foi alheio o diabo e por isso ha tambem no Titicaca um ponto a que chamam *Pulpito do Diabo* havendo quem afirme tel-o visto passar por ali, entre as aldeias de S. Paulo e S. Pedro que, de um e outro lado, erguem as suas egrejas brancas como se fossem alvissimos cólos de cysnes em postos de atalaya.

Por tudo isto é que o Titicaca (1) é para os peruanos e bolivianos o mesmo que o Iguazú, as serranias argentinas, e as paysagens andinas são para os brasileiros, argentinos, chilenos e até paraguayos. E mesmo fóra do perimetro do lago, não são raras,— a par das ruinas, dos objectos incasicos encontrados, das provas de cultura artistica dos aztécas, — as magestosas, mudas e gigantescas moles vulcanicas que as revoluções geologicas transformaram, por vezes, em obeliscos, como aconteceu com a celebre *Forca do Inca.* Tinham os indios Mayas o seu *Papantl* (Deus do Sol) e, conforme a tradição, os inumeros corações das victimas sacrificadas a esse idolo, serviam-lhe de alimento offertado pelos sacerdotes mais antigos. Havia sempre prisioneiros para que, em sacrificio ao insaciavel Papantl, fossem prolongadas as vidas dos crentes que assistiam ao acto.

Entre os deuses da mesma especie existia o deus falante com

---

(1) Titicaca:—«Isla de plomo» *(Lopez de Gómara)* ou «Sierra de plomo» (Oliveira Cezar).

o seu templo nos contrafortes da cordilheira Negra (Perú). Chamava-se *Apocatelt* e era de barro esse oraculo. Dentro do Apocatelt, como o que se conserva no Museo Arqueológico de Madrid, havia dois compartimentos que se comunicavam. Um era para agua, prolongando-se até á bocca. Se algum indio o consultava (e só podia fazel-o na presença do sacerdote) este imprimia ao idolo um movimento pendular que fazia passar a agua, em pequenas quantidades, para o compartimento vazio. A expulsão do ar pela agua produzia alguns ruidos que o indio interpretava como resposta á sua consulta.

Papantl, Deus Sol, visto de frente

O Deus Sol, visto de costas

Pois varios deuses d'essa natureza surgiram, em excavações, em redor do Titicaca, desse lago que tem talvez mais fama do que os lagos de asphalto de Bermudez, na Venezuela, o *Atitlan* nas cercanias da antiga cidade de Guatemala, o fervente Ta-Ta-Rata, de Nova Zeelandia, o Huacachina e tantos outros que nós conhecemos fórmados nas crateras de vulcões extinctos como, por exemplo, o *Baikal* e o seu visinho *Issik-Koul*, na Siberia. Não falo, claro está, nas 33 lagôas artificiaes do Potosi, pela quebrada de Huaina, que o vice-rei do Perú, D. Francisco de Toledo, mandou construir para captação de aguas tendentes á força motriz applicada ao aproveitamento do ouro e funcionamento das minas.

A lagôa de Chalviri, para não citar outras, tem uma muralha de 282 varas de extensão, dispõe de 4.905 varas de circun-

ferencia, 10 varas de profundidade na parte central da muralha e pode conter agua para desperdiçar á vontade durante 150 dias consecutivos!

O Padre Antonio Vieira refere-se, num dos seus magistraes *Sermões*, ás minas e aos míneiros do Potosi lamentando-lhes os perigos e exaltando-lhes os martyrios. Nas margens do Titicaca, além do santuario, o templo do Sol (Prescott ob. cit e Garcilaso de la Vega — *Comentarios Reales* parte I, livro III, cap. XXV) (1), existia *Coricancha*, a »Casa do Ouro» (Kramer - obr. cit.), o »Logar do Ouro», (Prescott-ob. citada), ou »Bairro do Ouro» (Oliveira Cézar—*Leyenda de Los Indios Quichuas*).

O passado legou-nos versos que se referem á *Casa do Sol* situada n'esse lago. Os devotos depositavam lá, como offerenda, grandes montões de ouro e versos ha que nos dizem isso (*Lima fundada ó conquista del Perú*, pelo Dr. D. Pedro de Peralta, Barnuevo, Rocha y Benavides—canto 2.º—estancia XXIX): —

Del claro inmenso lago en isla rica
Otro milagro brilla á quién luciente,
Lo cristal lo corona y lo duplica
En cúmulos el oro tan frecuente
Por su contorno alli se multiplica.

N'essa vasta região serrana, entre Mizque e o lago, dominavam os *indios charcas* falando o aymará. Apresentavam-se militarisados, com um governo, tanto quanto possivel, regular e um certo desenvolvimento social, com leis, tribunaes, etc., embora os craneos dos inimigos lhes servissem ainda de vasos ou copos para as constantes libações.

Eram activos no trabalho dos metaes, preparando o ouro, a prata, o cobre, em vez do ferro, confeccionando com elle apenas os espelhos, martellos, facas e diversos instrumentos (Garcilaso-*Coment.* Livro V. — Cap. XIV), rendiam culto a Can, — ser espi-

(1) O culto ao sol já data de remotissimos tempos e, por vezes, tem servido para precisar algumas datas.

Um exemplo: — Nabonidas, rei da Babylonia, encontrou em Seppara, a pedra fundamental d'um templo dedicado ao sol e, por ella poude provar que trez mil e duzentos annos antes do seu tempo reinara ali Narám - Si.

ritual que convertera a terra num jardim — (Kramer-ob. cit) e adoravam o sol, o lago, a montanha e a tormenta.

No emtanto, apesar do virtuoso Yupanqui ter encontrado n'elles uma brava resistencia difficilmente vencida, outra tribu, a dos *Charcas*, conseguiu maior renome. De facto, os fortes e celebres *Caracarães*, senhores de Porco e Potosi, oriundos de Caracára, antiga provincia de Charcas, no Perú, acima de Potosi, a N. E. de Chuquisaca (actual Sucre) até aos 19° no mappa de Ondarza, Mujia e Camacho, tão esforçados na guerra como habeis em plena paz, denunciam-nos, atravez dos tempos, mais prosperidades do que os *Charcas* dentro dos limites da geographia primitiva. E, por ser atribuido a estes o senhorio dos metais valiosos e por serem peruanos, no idioma dos guaranys *Caracaraes* foi essa a razão determinante, o dado philologico que levou as primeiras expedições regulares do Paraguay buscando-lhes o rastro (Montoya-*Vocabulario Guarani*, na palavra *Caracára; Relación del Rio de la Plata* - Revista del Instituto Paraguayo, n.° 18, pag. 47, *Probanzas* (1882) Schmidt; *Coleccion de Documentos inéditos para la Historia de Chile*—Medina—tomo VIII, doc. LXII, pag. 252). Foi esse o motivo que levou os guaranys a travarem relações com aquella tribu antes de ser conquistada. Porque, já de ha muito, realisavam continuas excursões do Brasil e do Paraguay ao Alto Perú em busca das laminas de metal que não sabiam trabalhar e que usavam sómente na guerra em guisa de diadema (Herrera-*Década* IV-liv. I, cap. I e Dec. VII, liv. III, cap. XIV). O nome dos *caracaraes* apparece nos sempre á mistura com o de outras tribus indigenas-*Chimeneos* e *Candires*, — tambem peruânas, que andavam vestidas e viviam um pouco mais além. Possuidoras de vastos recursos, tanto materiaes como de civilisação, attingiram um grau bem elevado no meio em que viviam. Especialmente as duas primeiras tribus gosavam de tal conceito entre a *familia barbara* que até o proprio rio Pilcomayo, sahido de agrestes serranias, chegava ao Paraguay com a denominação curiosa de *A agua da terra dos sábios*. Pilcomayo, que se chamava «Aracuay» em guarany, decomposto dá: — *Ara-arandú-ara (tempo, céu)* andú *(sentir)* — isto é: sentir o tempo, entender de metereologia, ser sabio, porque *sabio* tinha essa ethymologia em todas as linguas primitivas. *Cuá* ou *Guá* significa: terra, região,

paiz, e tambem quer dizer agua, como a terminação *Y*. De tudo isto resulta: *agua da terra dos sábios*. Nomes de terras soavam aos ouvidos em miragens de riquezas nunca vistas e a existencia dos Andes ou «montanhas de cobre» (Prescott, citando Garcilazo — *Comentarios Reales*, parte I, Livro V, cap. XV), a noticia de que havia um *Rey Blanco*, ou Inca, nadando em ondas colossaes de ouro, a fama dos *Caracaraes* e dos *Chimeneos*, o monte que brotava prata (o Potosi) e a *Casa de Ouro* no lago Titicaca, a civilisação quichua symbolisada em Cuzco, a cidade phantastica da alta riqueza, dos ricos metaes e pedras preciosas (Juan Lopez de Velasco — *Descripcion Universal de Indias* — artigo *La Paz)* tudo isso corria de bocca em bocca. E os comentarios, cada vez mais exagerados, constituiam a preocupação quasi unica de todas as tribus errantes.

Não era pois para extranhar que esses rumores longiquos, tomando enormissimas proporções de maravilha, chegasse ao Paraná-Guassú (Paraná Grande) em guarany, ou Rio da Prata, como, depois, foi chamado.

A seducção da conquista feriu em cheio os espiritos aventureiros. Mas para a caça de taes prodigios, seguindo pelo lado do Paraguay, em vez de ser pelo occidente, tornava-se necessario, indispensavel, atravessar a terra dos *Mbayaes* nome porque foi conhecida, n'esses tempos e até ao seculo XVII.

Essa região denomina-se agora *Chaco* e estendia-se desde O. do Paraguay até á altura de San Fernando, vasta planicie que carecia de rios navegaveis.

E que é o *Chaco?*

A' direita do rio Paraguay corre uma vasta planicie que ameaça não ter fim estendendo-se para o sul e que deveria ter sido o fundo de um mar em epochas que se perdem certamente na noite dos tempos. A sua região interna, ao norte do Pilcomayo, é a mesma que era ha quatro seculos, o mesmo deserto sem um unico povoado regular a dar-lhe uma nota de vida humana e apreciavel.

Terra de alluvião, fertil em demasia, rica dos mais estimados productos do reino vegetal, veste-se de algodão, cana de assucar, tabaco, bellas madeiras aromaticas e espreguiçam-se, ao largo, as palmeiras e o quebracho que se applicam na fabricação do

tanino, constituindo todo esse conjuncto um valor devéras incalculavel. Tem resistido á conquista porque falta a viabilidade propicia para a effectuar e ainda mais a força necessaria para mantel-a. Não ha rios totalmente navegaveis que cortem todo esse dilatado perimetro e só trez de curso largo descem das serranias de oeste até ao Paraguay. (1) São o *Bermejo* que sae de Tarija e Jujuy, o *Pilcomayo* que nasce acima do Potosi e o *Paripiti* que sae da cordilheira *de los Chiriguanás* que se retorce pelas gargantas das serras e vae desapparecer na planicie sem se lançar no rio Paraguay. Nenhum d'esses rios é navegavel e, com excepção do *Bermejo*, arrastam penosamente, lentamente, as suas aguas até ao Paraguay, devido á uniformidade da planicie que offerece pouco declive. Na epocha das cheias, esses rios trasbordam e alagam leguas e leguas de campo sem que um barco possa seguir no seu curso. Durante as seccas, os proprios lagos e arroios ficam sem uma gotta de agua para beber. Ha um declive, sim, na região de Oeste a Este, mas nota-se, bem pronunciadamente, só de norte a sul, directriz que o Rio Paraguay assume demandando o Rio de Prata. E, já que falei de rios, devo apresentar a seguinte curiosidade: — a cincoenta leguas do rio Paraguay, a Oeste dos 18.° e 19.°, ha um outro rio enorme—o *Guapay* — que quer dizer, em guarany, *agua que lo bebe todo* (Ruiz Dias de Guzmán) ou agua que qualquer pessoa pode beber. Este rio, depois de correr de Oeste a Este, descreve algumas curvas e precipita-se, do sul ao norte, em busca do Amazonas. Um ponto ha do rio *Guapay* que accusa mais altura do que qualquer outro collocado ao norte, ao passo que qualquer logar geographico do rio Paraguay se conserva sempre mais alto do que qualquer outro situado ao sul. As cordilheiras dos *Chirinaguás* separam os dois planos de nivel contrario.

«O plano E'ste é uma fatalidade geographica que torceu o braço de ferro da conquista variando o curso da historia», como nos assevera o prezado amigo e illustre historiador paraguayo,

---

(1) O *Chaco* tem a extensão de 220:000 kilometros quadrados. E' constituido por uma planicie levemente inclinada de Noroeste a Sudoeste.

O rio Pilcomayo é obstruido, pelo Estero Platino, a 180 kilometros da sua desembocadura.

sr. Dr. Manuel Dominguez, no seu opusculo, *La Sierra de la Plata*, dedicado á Junta de Historia e Numismatica Americana, com séde em Buenos Ayres. O Chaco é ainda a mesma região que os indios cruzáram dizendo a Gaboto: «*Solo bebemos sangre de venado*» e por onde Irala se perdeu affirmando depois: *casi nos morimos de sed!*

Diz Manuel Dominguez (ob. cit.) pag. 43 — *Que más difficil és cruzar el Chaco por dos veces que dar vuelta al mundo corriendo sobre el mar*». O Potosi, com a sua caudal de prata deslumbrava porém todos os aventureiros e o desafio estava lançado espicaçando fortemente a humana curiosidade dos mais audaciosos. Foi assim que, echoando a maravilha de serra em serra, os indios guaranis, que dominavam o litoral brasileiro, se apressaram a dar a boa nova, com mágico colorído, a alguns europeus residentes na ilha de Yuru-mirim (*Boca pequena*, porque se entra na barra por um *Estreito* assim denominado) mais tarde Santa Catharina, cuja capital é Florianopolis, a antiga cidade do Desterro.

Esses europeus eram alguns dos naufragos companheiros de Juan Diaz de Solis, celebre navegador hespanhol, que muitos dizem portuguez, piloto-mór de Carlos V, que emprehendera uma viagem á America em 8 de Outubro de 1515 e que, em principios de 1516, descobrira o rio da Prata (o *Paraná-Guassú* dos indios) a que chamou *Mar Dulce* e que, depois, teve, embora por pouco tempo, o seu proprio nome — Rio de Solis. Mas morreu n'esse mesmo anno ás mãos dos *charrúas* que occupavam os campos do Uruguay.

Os referidos náufragos ouviram, então, em Santa Catharina, a *Yuru-mirim*, a eterna e seductora evocação dos remotos reinos argenteos e auriferos, de um Rei-Branco em mysteriosas paragens indigenas e de ricos *Caracaraes*. Entre os ouvintes encontrava-se o cidadão portuguez Aleixo Garcia que os hespanhoes conheciam por *Alejo Garcia* e que Mendes de Almeida, brasileiro, proclamou como sendo um dos companheiros de Americo Vespucio. (1)

(1) « ..Alejo Garcia debió entrar con Solis en 1515, y se quedó en el pais, exploró las grandes corrientes.... se metió más allá del Paraguay».—*Sebastián Gaboto* (Harrisse).

Varnhagem, na sua *Historia do Brasil*, dá a entender que Aleixo Garcia

Filho de uma nação de Heroes, Poetas e Navegantes, de espiritos de Aventura, foi a esse mesmo Aleixo Garcia, acompanhado por mais quatro, que coube a missão expontanea de, por volta de 1524, pôr a audacia ao serviço de tão grandioso descobrimento (Toribio Medina — *Juan Diaz de Solis*, tomo I, pag. 200, 317 e seguintes. — Madero: — *Historia del Puerto de Buenos Ayres* — Harrisse — *Sebastian Gaboto* — *Carta* — de Luiz Ramirez — *Carta* — de Irala (1545) — Alvar Nuñes — *Comentarios* — caps. 50, 55, 56, 59, 70 — Ruy Diaz de Gusmán — *La Argentina* — Liv. I, cap. V).

Cruzaram esses cinco aventureiros, cujo capitão era Garcia, o Estado de Santa Catharina, passaram ao Paraná e, por ahi, internaram-se no Paraguay seguindo o roteiro que levou, mais tarde, Alvar Nuñez *(Carta de Irala)*, *Cabeza de Vaca*, o aventureiro de Flórida, *«segundo adelantado en el Rio de la Plata*, esforçado companheiro de Pánfilo Narvaéz, nas Antilhas.

Alvar Nuñez chegou a adquirir entre os antropophagos caribes uma grande fama de mago e feiticeiro e foi o primeiro conquistador hispano-americano *manosanta* que curava, com exconjuros e passes magneticos, os pacientes.

Foi levado com Alonso del Castillo e Juan Dorantes de Béjar, á presença do cacique Mbéa. Enrique de Védia, na colleção de Rivadeneira, e outros historiadores, negam-lhe porém as virtudes que os indios lhe proclamaram.

No emtanto, analysadas essas praticas de Alvar Nuñez á luz dos nossos conhecimentos modernos, revelam apenas o estado de angustia e espanto em que, pelos seus proprios costumes ferozes e sanguinarios, viviam aquelles indios e indicam a enorme desproporção dos desiquilibrados do systema nervoso nos effeitos logicos de um terror constante.

---

foi companheiro de Solis mas exclue-o dos que foram em busca das terras do Rei-Branco.

Todavia Irala, na sua *Carta* (1545) menciona Garcia dizendo que viéra de Santa Catharina (Brasil), explorára o Paraguay e fôra mais além da terra dos *Chanezes* que viviam perto de *Charcas* (Bolivia).

Os *chanezes*, os *jarays*, os *tarapecocis* e outros indigenas nomeavam sempre Garcia como sendo o primeiro explorador das suas terras e ha quem affirme que o nome do monte *Garaguy*, ao longo das costas do Paraguay, deriva da contracção de *Caaguy:* — (monte de Garcia) como sendo o ponto da partida para o Chaco.

Alvar Nuñez, de regresso á Hespanha, após dez annos de captiveiro e aventuras, com o seu fiel companheiro *Dorantes de Béjar*, o «buen soldado» como lhe chamou o arcediago Martin del Barco Centenera, voltou como «adelantado del Rio de la Plata», por morte de Pedro de Mendoza, e, partindo de Cadiz, desembarcou em Santa Catharina, nas costas do Brasil, com trezentos soldados. Seguiu, depois, por terra, para Assumpção, do Paraguay, onde chegou em 11 de Março de 1542, juntando-se a Martin de Irala, o biscainho que, então, começava a engrandecer a sua figura de caudilho. Esses aventureiros, chefiados por Garcia e sahidos da velha Juru-mirim, falavam por tal forma o guarany e desenvolveram taes artes, que, convidando o povo do Paraguay, que acabavam de descobrir (Irala — ob. cit.), a acompanhal-os na descoberta e reconhecimento das terras que ficavam ao poente, logo dois mil indios se offereceram (Ruy Diaz de Guzman — ob. cit.). (1)

D'ahi a razão porque Aleixo Garcia, á testa d'um exercito numeroso, entrou no porto que, depois, chamaram de São Fernando, por Corumbá, em Matto Grosso, no Brasil.

O mappa de Moussy diz que a Serra de S. Fernando era a que se chamava de S. Lourenço em cujas faldas se encontra Corumbá, na margem do rio Paraguay.

Alvar Nuñez, no seu relatorio de viagens, quer que Aleixo Garcia tivesse atravessado a Serra de Santa Luzia, em frente da bocca do Ipané, o Mbotetei de agora (19.° e um terço). (2)

Passou depois á infinita e perigosa planicie *Tierra de los Mbyaes* (P. Fernandez – *Indios Chiquitos* — Tomo I, cap. VIII) e seguiu adeante, sempre em direcção ao occidente, com os olhos

(1) O *Diccionario Enciclopedico Hispano-Americano*, referindo-se a Aleixo Garcia, dil-o conhecedor profundo do idioma e costumes dos guaranys e charrúas que dominavam as regiões por elle percorridas desde 1516.

(2) Ruiz Diáz de Gusmán *(La Argentina*, Libro I, cap. V) considera-o *chefe da expedição.*

— Aleixo Garcia «*se volvió al Brasil*» acompanhado pelo mulato Pacheco. D'ahi talvez a razão porque um outro mulato, chamado Gonçalo Coelho, mostrava, em 1526, grandes pedaços de prata.

Foram essas e as levadas por Garcia e Gaboto as primeiras amostras de prata, que, do Novo Mundo, entraram na Hespanha. (Herrera — Decada IV — libro I, cap. I).

postos na região dos Charcas e com o mesmo rumo que, mais tarde, seguiu Ayolas, guiado pelo mesmo escravo que estivera ao serviço de Garcia (*Carta*, de Irala). Alcançando, muito para o interior, os dominios dos *Chanezes*, o intemerato portuguez catechisou-os com dádivas (Alvar Nuñez—*Com.*—cap. 56) e com estes novos amigos, que eram inimigos dos *Caracaraes*, e com os *Tarapecocis* (*Com.* — cap. 70) diz-nos Guzmán que: — «ao cabo de muitas jornadas, chegou a reconhecer as cordilheiras do Perú» — onde essa hoste aguerrida entrou roubando e matando num avanço de mais de quarenta leguas para lá dos povos de Presto e Tarabuco que ficam em Tomina, a Oeste, perto de Chuquisaca (Sucre) estando o primeiro a 19° e o segundo a 19° ou 20°, pouco mais ou menos.

O sr. Dr. Antonio Corrêa da Costa, publicista brasileiro, no opusculo *Os predecessores dos Pires de Campos e Anhanguéras*, em commemoração do bi-centenario da fundação da cidade de Cuyabá, editado, em 1918, na Escola Typ. Salesiana de Nictheroy, diz, a pag. 17:

—«A' vista d'este formal depoimento dos indios guaxarapos, Garcia desceu pelo rio Miranda, que era o Ypaneme desses gentios até sua foz, atravessou, nas immediações da foz do Miranda, o rio Paraguay e se internou pelo territorio adjacente á sua margem occidental em busca das minas do Potósi. A latitude de 19°, 20°, que os pilotos acharam, e que combina com a situação da foz do Miranda, exclue qualquer duvida que pudesse surgir a respeito da identidade do referido rio.

Ora, se Garcia desceu pelo Miranda, e por elle veio ter ao Paraguay, não subiu por este rio de Assumpção até S. Fernando, como o suppõe o illustre Dr. Manuel Dominguez; o percurso que realizou para attingir esse ponto foi outro, effectuado por terra, atravessando o Ipané, o Aquidaban e o Apa e ao penetrar no territorio, hoje de Matto-Grosso, caminhou fraldeando os contra-fortes da serra do Amambahy até encontrar aquelle rio, pelo qual desceu ao Paraguay.

A ardente ambição de apoderar-se do thesouro occulto nos confins de um paiz desconhecido e habitado por antropophagos, do qual por vagas informações tivera noticia pelos soldados de Solis, infundiu em seu espirito a energia necessaria para vencer

todos os obstaculos que se antepunham ao seu descobrimento.

Não conseguiu, entretanto, gozar a fortuna que o seu inaudito esforço alcançára.

Ao regressar de sua estupenda investida a essas remotas regiões, carregado de ouro, foi assassinado pelos indios payaguás, da mesma fórma por que o fôra depois, o seu émulo Ayolas, apoderando-se estes indios dos despojos que elle conduzia do Perú. O tragico desapparecimento do intemerato e audaz aventureiro, a quem a Historia confere a honra e a gloria de preceder a todos quantos devassaram os sertões do interior no nosso continente, não permittiu que a Portugal coubesse a vantagem de proseguir na sua conquista. Morto Aleixo Garcia, a noticia da riqueza por elle descoberta divulgou-se, entretanto, por todo o Paraguay, e d'ahi, uma leva de aventureiros, como que obsecados pela irresistivel tentação de possuil-as, lança nas inhospitas paragens que elle perlustrára. E uma serie de novas e mal succedidas expedições regista a Historia, que mais uma vez assiste á lucta entre o homem e o meio quando este se oppõe aos seus designios e ambições.»

Vê-se, pois, claramente que a Aleixo Garcia coube a prioridade da conquista das terras que hoje formam a gloriosa Republica do Paraguay, ainda ha pouco presidida pelo prezado e ilustre amigo sr. Dr. Manuel Gondra (o critico mordaz de Ruben Dario) que na viagem de estudo que fiz me proporcionou todas as facilidades incluindo a das passagens conforme o documento que adeante reproduzo.

Mas era Aleixo Garcia um dos gloriosos filhos de Portugal?

E' o que se deprehenderá claramente do que segue.

Resta-me provar, portanto, o que, aliás já se deduz dos documentos transcriptos, que Garcia foi tambem o primeiro a devassar as regiões bolivianas.

Os indios *Charcas*, que occupavam a Provincia de Charcas, ou seja o territorio da Bolivia actual, provocados pela inaudita invasão do arrojado portuguez, pegaram em armas e construiram mais algumas fortalezas além das que Huyana-Capac tinha já mandado erguer em varias partes dos Andes *(Montesinos — «Memorias Antiguas Historiales y Politicas»*, cap. 27).

Travados alguns recontros, Aleixo Garcia houve por bem,

REPUBLICA DEL PARAGUAY

Ministerio
de
Relaciones Exteriores

Asunción, 26 de Agosto de 1916

Señor Agente de la Empresa de Navegación

"Nicolás Mihanovich"

PRESENTE

Sírvase entregar un pasaje de cámara hasta el puerto de Rosario Santa Fé a favor del Dr. Mario Monteiro, escritor portugués que recorre Sud-América recogiendo datos para una obra de información sobre ella.

El importe de esta orden será abonado directamente en la Sub-Secretaria de este Departamento.

Saludo a V. atentamente

Ordem ministerial do sr. Dr. Manuel Gondra, então ministro das Relações Exteriores e que por uma revolução recente foi deposto da presidencia da Republica do Paraguay

em certa altura, poupar a sua reduzida gente emprehendendo uma retirada airosa, a tempo, em boa ordem e sem o menor prejuizo.

Sãos e salvos, de volta ao Paraguay, cumprido já o proposito da expedição e satisfeita a curiosidade geral, trouxeram esses intrépidos exploradores varios despojos de vestuario indigena, muitos vasos, corôas de prata e diversos outros objectos interessantes, ao cabo de uma marcha fastidiosa e cheia de perigos, superior a mil leguas de extensão.

O celebre e mysterioso imperio dos Incas (1) o reino mágico do ouro, estava emfim descoberto, sabia-se já ser exacta a existencia do *Rey-Blanco* (Inca IV—segundo a *Carta* de Ramirez e as declarações de Gaboto) e estava devassada a famosa Serra da Prata, o celebrado *Potosi*, com as suas inumeras e argenteas cavernas que constataram a incomensuravel fortuna dos *Charcas*.

Resolvendo ficar no Paraguay, Aleixo Garcia mandou alguns

---

(1) Entre os Incas abundam as lendas mais curiosas. Reproduzo uma, tal como a descreveu a pena scintilante de Emlio B. Morales, em *Caras y Caretas* (Buenos Ayres):

—«En la cumbre de una montaña, que se destaca majestuosa al norte del Pico de la Bandera, surge a la vista y detiene la atención de los viajeros una roca cortada casi a pique que, a manera de rústica obra escultórica, presenta claros y definidos rasgos fisinómicos con el tipo de la raza Inca que pobló esas regiones en épocas remotas. La nota es por demás curiosa, y los que por alli ascienden o cruzan, conservan intacta la leyenda tradicional, tejida alrededor de esse capricho de la naturaleza. Los que aisladamente habitan por aquellas lejanias, evocan el fantástico relato en esas largas noches invernales, mientras reconfortan los miembros ateridos por el clima a la lumbre amorosa de los fogones campesinos. Gente sencilla y aclimatada a los rigores cordilleranos, escucham con religioso silencio el interesante relato, y cuando la faz del milagro realizado por el Dios Inca llega a su periodo álgido, un temor supersticioso les invade, al par que una fe mistica y profunda vaga por las torvas y negras pupilas.

Era una vez, el Inca Capac, joven y bizarro, valiente y resuelto — dice el infaltable anciano narrador, — que marchó a larga y penosa travessia en busca de tierras propicias a sus ideas de dominio. La joven india Marú, su esposa, lo vió partir con el alma hecha jirones, llorosa y desesperado el gesto. Um pájaro nocturno hendió los aires con estridentes chirridos, y la mujer — amargada por el funesto presagio del ave agorera — encerróse en su toldo a invocar el amparo de su Dios. Pasó el tiempo. Muchos crepúsculos reemplazaron el fulgurar radioso del sol del dia de la partida, y el Inca, alejado de su esposa, no regresaba.

Otro indio de la comarca observaba con alegria salvaje esa tardanza.

Un amor de fiera rugia sus arrebatos en el pecho indómito. En las noches

indios *chanezes* a *Jurú-mirim* (Santa Catharina) á procura dos seus antigos companheiros de naufragio. Figuravam entre elles Henrique Montes e Melchior Ramirez (¹). E enviou-lhes, como prova da riqueza alcançada, duas ou trez arrobas de prata e cartas em que lhes contava o exito da expedição chamando-os para junto de si.

E cousa curiosa: — dando-se a Ilha de Santa Catharina como tendo sido descoberta, em 1515, e conquistada aos indios *Carijós*, abordada, em 1554, por alguns navios que logo se afastaram depois do necessario descanço, possuida e colonisada pelo capitão vicentista, o bandeirante Francisco Dias Velho, em 1662 e annos

---

de plata su silueta cobriza se deslizaba frente al toldo de la infeliz india abandonada, y los picachos vecinos escucharon muchas veces los ecos de sus lamentaciones, forjados frente a la frialdad de una puerta que no se abria.

La murmuración de otras indias de la tribu, a manera de cizaña venenosa, se encargó de rodear ese amor platónico com proyecciones de adulterio.

La infame diatriba corria de boca em boca. Y fué asi que, en un atardecer poético y delicado, cuando el Inca Capac, joven y bizarro, valiente y resuelto, regresó en busca de la esposa, satisfechos sus anhelos de imperio y riquezas, se enteró de la horrible nueva. No pudo contener impetus de ocultos instintos; ciego, iracundo, vomitando insultos, tomó a su mujer por los cabellos y, arrastrándola hasta la cumbre de la montaña, la sujetô com fuertes ligaduras, de jándola de rodillas al borde del abismo. Luego comenzô a juntar trozos de roca para aplastar el cuerpo maldito de la infiel.

La pobre india — victima inocente de la intriga—espantada, implorô a su Dios, pediéndole defuviera el brazo del criminal. Estremeciôse entonces la montaña; rodaron cuesta abajo los fragmentos de piedra, y el indio quedô inmôvil: estaba petrificado.

. . . . . .

Asi cuenta la leyenda, pueril en realidad; pero a poco que sobre ella se medite, se le encuentra cierta analogia con las creencias y leyendas que sustentaba la primitiva raza egipcia.

Desde entonces ha quedado grabada en la mente campesina de generaciones posteriores, que el alma del Dios Inca quedô identificada en la Efigie de la montaña, de la misma manera que los egipcios créian en el Dios Osiris identificado en el Buey Apis de la vieja religiôn.» —

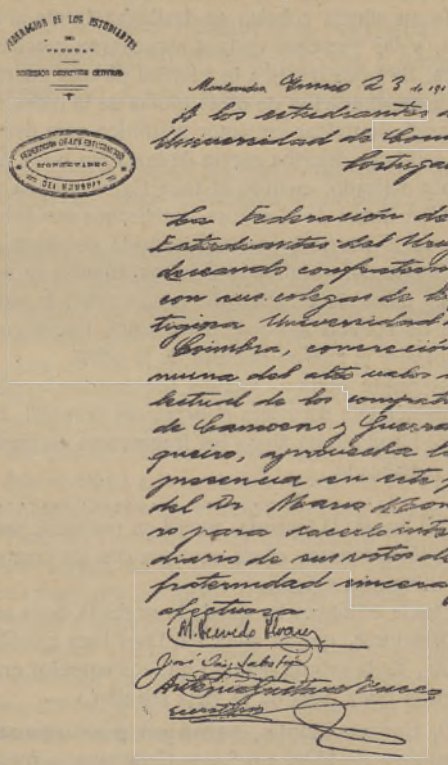
(¹) Enrique Montes, **tambem portuguez**, foi quem revelou a Gaboto, em Outubro de 1526, em Santa Catharina, o roteiro de Aleixo Garcia, dizendo-lhe mais que entre 1521 e aquelle anno, haviam estado caravellas **portuguezas** nos rios da Prata e Paraná.

Melchior afirmou-lhe, por sua vez, ter sido o lingua do **portuguez** Garcia na referida expedição (*Carta* de Ramirez).

seguintes (*Resolução* de D. João V, de 7 de Agosto de 1746 e *Provisão Régia* de 9 de Agosto de 1749) em 1516, cento e quarenta e seis annos antes, portanto, da chegada de Dias Velho, já Aleixo Garcia, outro portuguez, havia residido n'ella!

Luiz Ramirez, na sua *Carta*, conta que duas arrobas de ouro e prata e de outro metal muito bom foram entregues, por Montes e Ramirez, a D. Rodrigo de Acuña, capitão de uma náu que, em Junho de 1526, aportára a Santa Catharina mas que se perderam no mar em virtude do naufragio do batel que as conduzia para bordo. Quando Gaboto os entrevistou, mais tarde, só possuiam umas contas de ouro e de prata que tinham guardado, como recordação, para a Senhora de Guadalupe.

Antes que a Garcia chegasse a resposta dos seus antigos companheiros, alguns guaranys armaram-lhe uma cilada, com o fim exclusivo de se apoderarem das riquezas que os seus escravos tinham carregado. E mataram-no, devorando-o, segundo o velho rito usual, na margem esquerda do rio Paraguay, a cincoenta léguas acima do logar onde se fundou Assunción, (Assumpção) capital paraguaya, um pouco alem do logar denominado *San Pedro*. Alvar Nuñez, passando por Ipané, ao fim de dezesete annos, mandou buscar para seu *lingua*, ou *intérprete*, um filho que Garcia deixára com o mesmo nome, como nos asseveram P.



Saudação dos estudantes uruguayos aos seus collegas da Universidade de Coimbra

Techo e Ruiz Diaz Guzman que diz tel-o conhecido pessoalmente.

Para se estabelecer a completa identidade de Aleixo Garcia devemos consultar a *Carta* de Ramirez, o *Memorial* de Diego Garcia, as *Declaraciones* de Gaboto, os *Commentarios* de Alvar Nuñez, a *Carta* de Irala, a *Revista del Instituto Paraguayo* n.º 18, Diaz de Guzman (ob. cit.) com a confirmação plena de Techo, Lozano, Guevára, Charlevoix, Gay, Demersay, Revista de Buenos Ayres (vol. 8) e todas as dezenas de livros citados pelo sr. Dr. Manuel Dominguez.

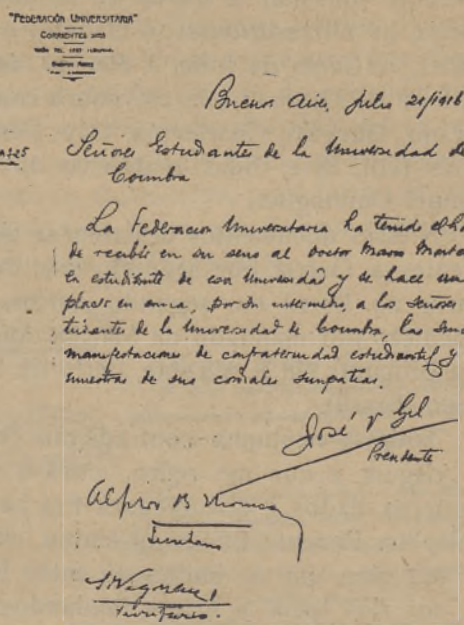
N'esses documentos desfazem-se algumas asserções falsas referentes a Garcia que segundo uns, de volta das *charcas*, internou-se no Brasil ou, segundo outros, executou essa temeraria expedição por mandado de Martim Affonso de Souza que depois fôra procurar em S. Vicente, perto de Santos, no Estado de São Paulo (Brasil).

Todavia nenhuma contradicção forte derrubou o traçado da viagem a que me refiro, antes a seu favor se accumulam inumeros dados e documentos. Foi por isso que o politico brasileiro sr. Pimenta Bueno sustentou, em 1855, perante o Senado do seu paiz, que os limites do então Imperio deveriam avançar até aos rios Ipané e Igatim fundando-se precisamente na descoberta das terras paraguayas por Alejo Garcia (Aleixo Garcia) após uma demorada leitura do precioso trabalho de Gusmán perdido no pó dos archivos.

A ilha de Santa Catharina, pela sua posição geographica, servia de porto obrigado a todas as embarcações que se dirigiam para o sul e como n'ellas rezidissem os antigos companheiros de Garcia todas as tripulações que por ali passavam logo eram notificadas do que o famoso explorador lhes havia mandado dizer. Por seu turno, Francisco de Chaves, que tambem fôra da expedição aos *Charcas*, residente em Cananéa (Varnhagem — *Historia Geral do Brasil*, secção VIII, — *Yslario* de Santa Cruz — Harisse, ob, cit., — Medina, ob. cit., tom. I, pag. 254) Gonçalo de Acosta, residente em S. Vicente (Madero — ob. cit., pag. 60 — Diego Garcia, *Memorial)* e Rodrigo d'Acuña que se deteve no Brasil, arrojado pelos ventos do Estreito de Magalhães — faziam tambem a mais ruidosa propaganda da descoberta levada a cabo por um

ousado portuguez. O mesmo acontecia com os proprios indios que estavam em constantes relações com os europeus pondo-os ao corrente da expedição victoriosa ao Paraguay e á Bolivia.

Tal facto assumiu tamanho relevo e revestiu-se de uma tal auréola de deslumbramento que Gaboto, então em marcha para as ilhas Molucas, mudou a sua rota.



"FEDERACIÓN UNIVERSITARIA"

Buenos Aires, Julio 29/1916

Señores Estudiantes de la Universidad de Coimbra

La Federacion Universitaria ha tenido el honor de recibir en su seno al doctor Mario Barbosa, estudiante de esa Universidad y se hace un placer en enviar, por su intermedio, a los señores estudiantes de la Universidad de Coimbra, las sinceras manifestaciones de confraternidad estudiantil y los mejores de sus cordiales simpatias.

José V. Gil
Presidente

Alfredo R. Thomas
Tesorero

Saudação da Federação Universitaria argentina
á Academia de Coimbra

Mal chegou a Pernambuco, em Junho de 1526 (Harisse—ob. cit.), ouvindo de Manuel Braga, Jorge Gomes e de outros portuguezes, o relato da excursão do seu compatriota Garcia, esqueceu-se das Molucas e dirigiu-se para Santa Catharina afim de, ahi, saber toda a verdade ácerca do que era voz corrente. E não tardou que se transformasse em novo argonauta dispondo-se, desde logo, á conquista do *Vélo de Ouro* que a todos acenava em terras de além.

Por outro lado, Pizarro, vindo do Panamá, em marcha victoriosa atravez do Perú, ao ter noticias da façanha do christão Aleixo Garcia, entrou em Hespanha com varias naus carregadas de prata proveniente das conquistas realisadas e incendiou a loucura geral e a febre das grandezas na mais alta sociedade do seu paiz. A propria Côrte nomeou logo D. Pedro de Mendoza *Adelantado del Rio de la Plata*, por duas vidas, com o condado do proprio nome, além de dez mil vassalos.

E tal embaixada, em busca da riqueza, aprestou-se com a maior rapidez por se saber em Hespanha que de Portugal ia

sahir, como sahiu, Martim Affonso de Souza, (1) levando comsigo Henrique Montes, já mencionado, em apparente direcção ao Brasil e em missão que tinham como suspeita de visar as terras descobertas por Garcia.

De cousa alguma valeu, porém, tal brevidade porque de toda essa embaixada aproveitou-se apenas a fundação de Buenos Ayres e o proprio Mendoza, impossibilitado de ir pessoalmente, teve que despachar, em seu nome, o capitão Juan de Ayolas, natural de Briviesca (em Oviedo), em busca da afamada *Sierra de la Plata* já devassada por Aleixo Garcia. Mas Ayolas, guiado por um indio que fôra companheiro d'esse heroico luso, internou-se na *Tierra de los Mbayaes* e nunca mais appareceu... (*Memorial* — Pero Hernandez, Oviedo, ob. cit. — livro 23, cap. 13 — Irala — *Carta* 1545) deixando Irala com uns trinta homens.

Irala concentrou, em Assumpção, toda a gente aventureira que despovoára Buenos Ayres e, buscando os *Caracaraes*, chegou ao Perú.

Alvar Nuñez foi até ao *Puerto de los Reyes* e internou-se a O. mas, querendo seguir, faltaram-lhe as provisões e foi obrigado a retroceder até Assumpção.

Outro audacioso, Nuflo de Chaves, tambem portuguez, avançando sempre, alcançou o rio Guapay mas recebeu ali a noticia de que a região de Charcas fôra dominada pelos conquistadores do Perú que tinham fundado, já ha nove annos, a cidade de La Plata ou Chuquisaca (hoje *Sucre*, em homenagem ao general do mesmo nome) e estavam preparando a fundação de uma outra.

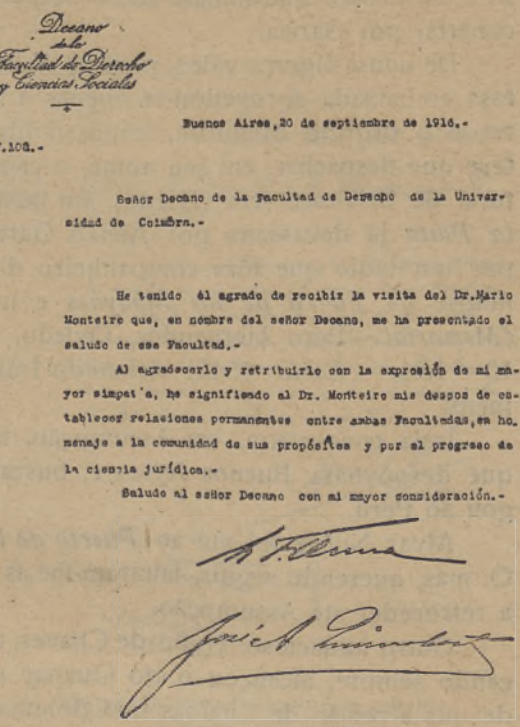
---

(1) Francisco de Chaves (aventureiro portuguez) que chegára das terras do Inca trazendo valiosas informações da expedição de Garcia prometeu volver dentro de dez mezes com quatrocentos escravos carregados de prata caso lhe fornecessem gente para essa empreza. Martim Affonso de Souza cedeu-lhe 80 homens armados. (Varnhagem — *Historia Geral do Brasil* — Secção VIII).

Essa nova expedição chegou até Iguassú. Foram todos mortos traiçoeiramente menos Chaves que conseguiu escapar acompanhando, depois, Alvaro Nuñez desde Santa Catharina até Assumpção. (Oviedo — Libro XXIII — Cap. XV).

Garcia, Solis e Ayolas morreram ás mãos dos indios e Mendoza encontrou o termo da sua vida em pleno oceano, quando regressava á patria.

Todavia o sonho de outr'ora estava já convertido n'uma realidade palpavel e indiscutivel devida á audacia colossal de quem primeiro se internára na *Terra dos Mbayaes* chegando aos Andes peruanos (*Andes* quer dizer — *cobre*, minas de cobre) e penetrando, assim, nos dominios dos Incas. Porque Aleixo Garcia terminava a sua carreira quando o valente Pizarro iniciava triumphalmente a sua.



Decano de la Facultad de Derecho y Ciencias Sociales

Buenos Aires, 20 de septiembre de 1916.-

N.108.-

Señor Decano de la Facultad de Derecho de la Universidad de Coimbra.-

He tenido el agrado de recibir la visita del Dr. Mario Monteiro que, en nombre del señor Decano, me ha presentado el saludo de esa Facultad.-

Al agradecerlo y retribuirlo con la expresión de mi mayor simpatía, he significado al Dr. Monteiro mis deseos de establecer relaciones permanentes entre ambas Facultades, en homenaje a la comunidad de sus propósitos y por el progreso de la ciencia jurídica.-

Saludo al señor Decano con mi mayor consideración.-

Saudação do Decano da Faculdade de Direito e Sciencias Sociaes em Buenos Ayres

Garcia passára em Curytiba (capital do Paraná, no Brasil) em 1524, dezesete annos antes de Alvar Nuñez; chegou n'esse anno ao Paraguay, **quatro annos antes** de Gaboto (dado, até á minha visita ao Paraguay, como descobridor desse glorioso paiz) ainda no mesmo anno explorava o Chaco, treze annos antes de Ayolas, e entrou em Charcas (Bolivia) em 1525, tambem treze annos antes de Pizarro! A' sua temeridade deve-se, exclusivamente, a ancia constante que atravez d'uns largos vinte e trez annos, desde 1525 a 1548, fez com que todos os conquistadores do Paraguay gritassem cheios de fé, em verdadeiros hymnos de esperança: — *A' serra da Prata! A' terra dos Caracaraes!*

Affirma-nos isto o dilecto amigo, publicista e historiador

paraguayo, Dr. Manuel Dominguez (ob. cit.) (1) cuja dedicatoria do seu opusculo sobre a Serra da Prata, além de penhorante, depois de uma larga conversa entretida sobre tão interessante assumpto, é uma prova bem expressiva de que as historias elementares nas escolas paraguayas, se ainda o não estão, vão ser brevemente modificadas, como me prometteram os respectivos historiadores, dando mais uma gloria a Portugal.

Al Dr. Ramiz Monteiro —
compatriota del descubridor
del Paraguay, Aleji Garcia, glo-
ria ignorada de Portugal —
Homenaje —
de S. S.
Manuel Dominguez

Asuncion, Julio 28/905

DEDICATORIA

Á la Junta de Historia y Numismática Americana (Buenos Aires).

Manuel Dominguez
(Socio correspondiente).

Asuncion, Junio de 1904.

Offerta do *Sierra de ia Plata*, na qual o Dr. Manuel Dominguez confessa ser o portuguez Aleixo Garcia quem descobriu o Paraguay

(1) Ramon Monte Domeca — na edição de luxo — *La Republica del Paraguay en su primer Centenario (1811-1911)*, impressa na Compañia Sud-Americana de bilhetes de Banco, diz a pag. 167 : —

«Como inteléctual y como escritor, el doctor Manuel Dominguez está en

Tambem outro grande amigo, o historiador paraguayo por excellencia, sr. O'Leary, (1) veio appoiar a consagração do triumpho de Aleixo Garcia e por tal forma que não resisto á tentação de tornar conhecidas do nosso paiz as palavras em verso e prosa que o mesmo illustre escriptor teve para Garcia e para Portugal nos autographos que adeante reproduzo.

O sr. Dr. Manuel Dominguez, referindo-se ao descobridor

---

la misma linea y á la misma altura que don Manuel Gondra. Y del proprio modo que éste, huye del periodismo para librarse del bastardeo del estilo. Espiritu artista, él también ama las formas cinceladas en el noble arte de escribir. El doctor Dominguez es historiografo á la manera de Paul Groussac: estudia las viejas crônicas y las compara para expurgar de sus errores la historia colonial del Paraguay y Rio de la Plata. Busca la originalidad: lo cual no quiere decir que alcance siempre este resultado. En sus breves comentarios á la Constitución Nacional enseña que deben buscarse los antecedentes de la sociabilidad paraguaya—no en las costumbres guaranies, no en el regimen Jesuitico, tampoco en el regimen colonial español—sino en las doctrinas sociológicas contemporáneas.

El doctor Dominguez es miembro correspondiente de la Sociedad Americana de Buenos Aires, quien le dispensa merecida estimación.» —

O sr. Dr. Manoel Dominguez foi o ministro escolhido pelo seu paiz para, em missão especial, tratar dos limites do Paraguay com a Bolivia.

(1) Viriato Diaz Perez, na *Antologia Paraguaya* (1911), organisada por José Rodriguez Alcalá, affirma-nos que:

—«Juan E. O'Leary es poeta nacionalista. Ha cantado las razas primitivas y olvidadas. Es un habil traductor de Stechettí y Amadeo Amaral (brasileiro). Su nota es la energia, que se manifiesta igualmente en su prosa.

Acaso sin saberlo se describe en aquel endecasilabo:
«Estoy de pié: la tempestad me azota...»

Su mejor composicion: «Salvage»! seria algo unico, si apesar de su carácter personal, no nos recordase lejanamente las maravilhosas estrofas del «Tabaré» de Zorrilla de San Martin».

O grande Salvador Rueda, escrevendo a Diaz Perez, fala assim de O'Leary:—

— «Debió esa composición (*Salvaje*) esculpirse con un cortante tosco en el tronco enorme de un árbol de caôba, ô de otro virgen árbol resinoso de esos que lloran lágrimas de olor.»

«Me ha impresionado vivamente, como si fuese una figura real, el *salvaje* puesto en pié para siempre por O'Leary.»

— Juan E. O'Leary, director do Colegio Nacional de Asunción e, então, vice-presidente da Camara dos Deputados, orador egrégio e auctor immortal da *Nuestra Epopeya*, foi o escolhido pelo Paraguay para o representar nas homenagens prestadas á memoria do general Urquiza. A Argentina recebeu carinhosamente a sua visita considerando-o hospede do Governo.

Al Dr. Mario Montero
para que al regresar á
su legendaria tierra
recuerde á uno de los
amigos que deja en
el Paraguay

Juan B. O'Leary

Asunción, Julio de 1916

Á Alejo García

En pos de un sueño de sin par grandeza
Te lanzaste, resuelto y atrevido,
Sin miedo á lo fatal desconocido,
En brazos de tu indómita fiereza

—

En vano procuró na tu cabeza
Detenerte en tu empeño decidido,
Devoraste el espacio indefinido,
Agigantado en la terrible empresa!

—

Clavados tus pupilas soñadoras
Del argentado reino en lo remoto,
Por regiones cruzaste abrasadoras;

—

Y antes que á nuestras playas de Gaboto
Las huestes arribaron vencedoras
Tu descubriste al Paraguay ignoto!

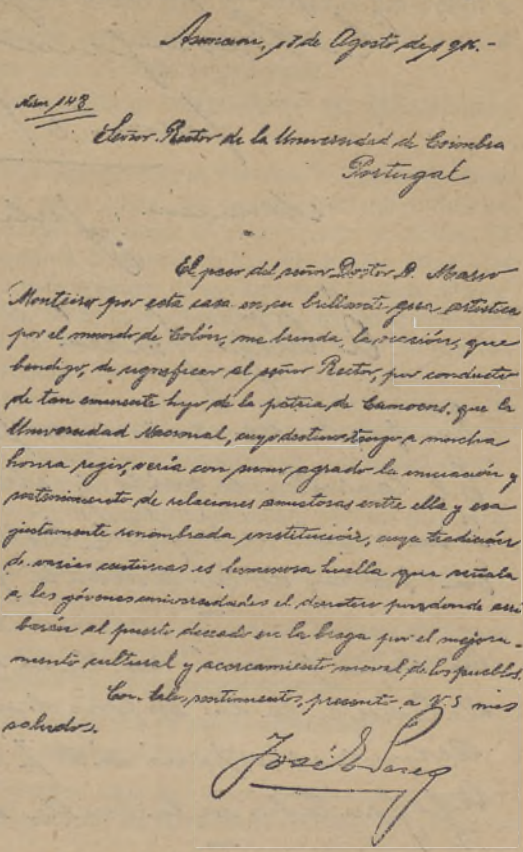
Juan B. O'Leary

Julio de 1916

Autographo do grande poeta e historiador D. Juan O'Leary. Os ultimos versos confirmam a descoberta portugueza:

—"E antes que ás nossas praias de Gaboto
As hostes chegassem vencedoras
Tu descobriste o Paraguay ignoto!"

do Paraguay e da Bolivia, affirmou ainda mais: — «Dizem que era natural do Alemtejo, (1) onde nasceu em 1485, e que estudou nautica (Vid. *Diccionario Encyclopedico* de Larousse, — *Biographia Universal*, de Michaud — *Dicccionario Historico e Geographico* de Gregoire, etc.). Embarcou-se com Solis para acabar, como Solis, devorado pelo guarany antropophago. «Não perecerá a memoria d'aquelle heroe sem par. A fama de Aleixo Garcia será duradoura porque foi o primeiro que atravessou quasi toda a America Meridional (P. Techo). Aquelle homem tinha o coração forrado com uma triplice lamina de bronze. Nunca se deu maior prova de valor sobre-humano, da inflexibilidade que vae direita ao fim traçado, destruindo para isso todos os obstaculos».



Do Reitor da Universidade de Assumpção ao seu collega da Universidade de Coimbra

Estas palavras tem duplo valor para nós, portuguezes, ditas como são por um investigador conscencioso e já consagrado. Como reforço da veracidade dos feitos de Garcia, convém dizer que no Paraguay, onde ainda hoje se fala o *guarany*, como se

(1) Nos artigos *Chiriguanas* e *Santa Cruz de La Sierra* (Alcedo) diz-se que os chiriguanas partiram do Paraguay para o Perú — «*huyendo* de LA PERSECUCIÓN DE LOS PORTUGUEZES QUE QUISIERON VENGAR LA MUERTE DE ALEJO GARCIA».

fôra uma segunda lingua official, na qual se transmitem, de paes a filhos, em toda a sua pureza, os usos, costumes, lendas e tradicções d'aquellas terras d'além, tão cheias de encantos e de poesia selvagem, Alejo Garcia não deixa de figurar na vasta serie dos nomes de guerreiros brancos que praticaram proezas entre os indios mais ferozes.

Tal como o *guarany* no Paraguay, o *aymará* fala-se na Bolivia, até em La Paz, e os indios, dando-lhe tons gutturaes e paladiaes, não deixam tambem de pôr no que dizem pronunciados signaes d'um soffrimento vago e continuo.

Pois até na lingua *aymará* esvoaçam, de quando em quando, recordações das façanhas do portuguez Aleixo Garcia! O mesmo rastro encontrei, em Puerto Suarez, da passagem dos indios *chiquitos*, assim chamados por serem pequenos embora ferozes e serem liliputianas as suas casas nas quaes entram, de gatas, por minusculas portas, para se defenderem, assim, das moscas e mosquitos que os perseguem.

Subi da Argentina ao Paraguay e d'ahi á Bolivia, interessando na minha viagem toda a mocidade academica bem como varios outros espiritos cultos. E até dos indios *lenguas*, que encontrei nas barrancas do Paraguay e do Alto Paraná, entre jacarés, garças, pelles de onça secando ao sol e arvores em flôr, vinha, de vez em quando, aos meus ouvidos, como fresca brisa em tarde calma de verão, o nome de *Alejo Garcia!*

O grande Charco de outr'ora, em que se destacam as regiões do Chaco (1) e Formosa, limita-se entre os rios Teuco e

(1) A Argentina realisou interessantes explorações no Chaco sob a direcção do sr. Dr. Estanisláo Zeballos, quando este voltou a sobraçar a pasta dos Estrangeiros em 1907. Zeballos, que foi deputado varias vezes, era um geografo e politico distincto tendo fundado como jornalista *A Revista de Direito, Artes e Letras* que dirigiu. Como romancista, escreveu as novelas *Rélmu, Através das Cabanas, Painé*, além de varios outros livros e memorias relativas ás suas viagens e explorações.

A America do Norte teve-o como representante da Argentina, em Washington. Foi esse illustre estadista que tanto se salientou na politica argentina, após a revolução de 1874, quem, como presidente do *Club del Progreso* (uma das mais distinctas, elegantes e prestigiosas colectividades buenairenses) me concedeu expontaneamente a *Tarjeta de Transeunte, por un mes*, do mesmo Club, honra que raramente é conferida aos hospedes da Argentina. Zeballos faleceu, no principio de Outubro do anno corrente, em Liverpool.

Bermejo, Santa Fé, Santiago del Estero e Salta, com 136.635 kilometros quadrados e mais de 40.000 habitantes. As suas planicies são ligeiramente onduladas com breves declives até aos rios Paraná e Paraguay em cuja margem direita de quem sobe se erguem, venerandas na sua tradicção gloriosa, as ruinas de Humaytá após o riacho do Ouro que segue para as regiões que Garcia explorou. (1)

O Chaco dispõe de enormes matas de preciosissimas madeiras, vasta fauna de exemplares raros e variados e até bom *cáucho* (borracha) que ninguem vae explorar n'essas regiões quasi desertas, em proporção aos seus limites, cuja capital é Resistencia, com sete mil habitantes, á beira do Paraná, defronte de Corrientes.

James Cowles Prichard e Samuel George Morton, iniciando estudos methodicos e systhematicos sobre os povos aborigenes americanos e buscando estabelecer vinculos ethnicos entre a America e a Asia, chegaram a analysar até anthropologicamente os indios a que me tenho referido.

No Chaco, por exemplo, entre a margem dos rios Paraná e Paraguay, desde a costa occidental do Salado até Rio Verde, setenta leguas mais ao norte do Pilcomayo, ou seja no limite argentino-paraguayo, vivem os *Tobas*, (2) de phisionomia especial, caracteristica, de estatura elevada, medindo, os mais altos, um

---

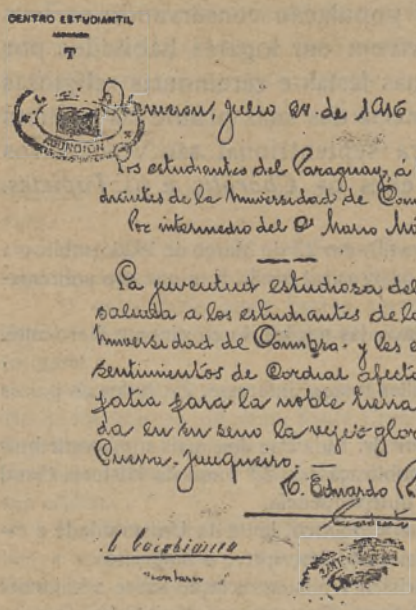
(1) Victorino Abente (paraguayo) na sua *La Sibila paraguaya*, refere-se d'este modo a Humayatá que tão cantada tem sido pelos poetas sul americanos :

Allí Humaitá renombrado
Muestra su ruina altiva
Como un espectro que aviva
El sufrimento pasado.

(2) «...Y encontraba á cada momento, grandes analogias entre las voces de la lengua Toba y el antiguo Sajón. — El idioma de los indigenas, decia, á veces en inglés, es un derivado del Sanscrito, y esto se ajusta á la Biblia y á las revelaciones. La palabra Inca, cuya raiz «Inc», sirve á los indigenas para indicar todo lo que está más alto, más saliente ó és superior á un conjunto de personas ó cosas, ha servido á los antiguos habitantes del Norte de Europa para dar nombre á esa parte del continente que sale sobre el mar en forma de ángulo ó punta, de donde tenemos la palabra Eng-land (Inglaterra).

Ing, Eng ó Inc. lo que, si no es lo mismo, és mui parecido, quiére decir pues, allá ó aqui, ángulo, punto saliente, cuspide, cumbre ó altura. En *Quichua*,

metro e setenta e nove centimetros e os outros nunca menos de um metro e sessenta e cinco. O seu systema muscular é forte, de corpo direito e cabeça erguida marchando sempre resolutos e rapidos. O cabello é negro de azeviche apartado ao meio e solto sobre os hombros. Seus olhos são pequenos, negros e vivos, o nariz é grosso e comprido e a bocca rasgada levantando-se nos angulos. *Toba*, em guarany, significa *Cara*. Subdividem-se os Tobas em inumeras pequenas tribus de dez a duzentos homens que continuam ainda hoje, em caçadas, desafios e passatempos, fazendo as mesmas correrias de antanho.



Saudação dos estudantes paraguayos na qual é evocado o nome de Guerra Junqueiro

---

una de las lenguas más esparcidas entre los naturales de Sud América, *Inti* quiére decir sol ó centro luminoso de donde irradia la luz.»

—«A fines del siglo pasado se calculaba en cien mil los indios que poblaban estas fértiles comarcas, y las tres razas principales se dividian en infinitos cacicazgos, predominando por el norte los Mataguayos, al centro los Tóbas, al oeste los Chirihuanos y Avipones y al este ó sobre las costas, los Guaicurús. Algunas de las principales subdivisiones de estos pueblos, tales como los Orejones, Chunupis, Avipones, Sinivipes ó Colés, Atalalas, Vilélas, Mocobis y Mbayás, han desaparecido ahora, ó se han vuelto á fundir en las tribus originarias.

En la actualidad la tribu que predomina en el centro del Chaco es la Toba, raza de guerreros de fuerte musculatura, de tez cobriza, negra cabellera, que habitualmente cae sobre sus amplias y desnudas espaldas. Son generalmente imberbes, y los que tienen barba se la arrancan. Se adornan la cabeza con pequeñas plumas y sujetan hacia atrás su cabellera cuando tienen que mostrarse á extraños ó van entrar en pelea.» —

Viaje al Pais de los Tobas — F. de Oliveira Cézar.

Nas terras bolivianas os indios actuaes, disfarçados sob um falso verniz de civilisação, em grande maioria embrutecidos pelo alcool, compõem um terço da população conservando os seus antigos costumes. (1) Os que vivem em logares habitados por brancos são christãos mas nas suas festas e ceremonias religiosas surgem bem claras as reminiscencias das suas primitivas práticas idólatras. Os indios da fronteira septentrional são verdadeiros selvagens, destacando-se entre elles os *Chorotis* e os *Tapietes*.

---

(1) *O Diario Popular* (S. Paulo-Brasil), em 22 de Março de 1920, publicava as seguintes notas (*Historia Boliviana*) assignadas por L. F. e que são sobremaneira curiosas : —

« — Os estudos da formação politica das nações do continente ibero-americano têm-se desenvolvido.

Não faltam intellectuaes que por elles tomem interesse, em todos os paizes latinos, e nos Estados Unidos.

Em data recente o erudito escriptor dr. Luiz Paz deu mais uma contribuição para a historia da Bolivia com a publicação do 2.º tomo da Historia Geral desta Republica até 1825, anno da sua Independencia.

O autor é prestigioso representante politico, lente da Universidade e escriptor de diversos livros de caracter historico, descriptivo e biografico.

Agora apareceu numa revista parisiense uma apreciação sobre a iminente individualidade do marechal André de Santa Cruz, que se distinguio nas campanhas do general Bolivar para a emancipação da Bolivia, que antes pertencia ao governo do Perú, submetido então ao vice-reinado de Buenos Ayres.

E fundando a Bolivia independente, o general Bolivar não procedia politicamente, mas como diplomata, para evitar uma possivel guerra da Argentina com o Perú, em razão da cubiça de territorios riquissimos de minas de ouro.

Conta o publicista Carlos A. Villanueva que o general Sucre primeiro presidente da Bolivia, consagrou todo o seu esforço á missão mais urgente que consistia em obter o reconhecimento do novo Estado, pelos seus proximos visinhos do Perú, Chile e a Argentina, procurou tambem o Brasil, inspirando a estes Estados a idéa de uma alliança ou liga de relações. »

Nos archivos diplomaticos de Londres existe a correspondencia entre o general Antonio de Sucre e o ministro George Canning.

Seria esta liga internacional um projecto de Sociedade das Nações Americanas acalentado pelo general Bolivar depois da sua viagem a Londres e que desejava executar pelo congresso de Panamá.

Nesse tempo a Inglaterra e os Estados Unidos exerciam extraordinaria influencia politica e comercial na America do Sul, quando a França era considerada como alliada da Hespanha por interesses coloniaes.

Opinião esta que não podia ser exacta, como prova a correspondencia entre as chancellarias de Madrid e Paris. Nos paizes sul-americanos desconheciam-se esses factos: não dispunham ainda de agentes diplomaticos ; a politica

Os indios mais civilisados são os *aymarás* nos altiplanos andinos e o ar rarificado que em taes regiões se respira desenvolve-lhes extraordinariamente o peito influindo na sua vida que sempre é dilatada. Hoje, é facil verificarmos que ou sejam os actuaes aymarás miseros agricultores ou arrieiros de *llamas* ou ainda outros são sempre refractarios a toda a civilisação e progresso

---

franceza tinha reservas e retrahimentos diante do liberalismo do estadista Canning.

Em Maio de 1829, o marechal Santa Cruz foi presidente da Bolivia e deu logo um caracter francophilo á sua politica internacional.

O novo chefe desse Estado americano latino acalentava ambições muito altas. . Elle sabia ser austucioso na conducta dos negocios, como os caudilhos em geral.

«Emquanto Bolivar descia ao mar para morrer como o sol se estingue num céo de tormentoso outomno, Santa Cruz subia até Cuzco, a cidade sagrada para experimentar a reconstituição do imperio dos Incas, seus antepassados, que os peruanos offereceram a Bolivar em recompensa da liberdade que obtiveram pela sua espada.

Em Dezembro de 1829, o general Santa Cruz contrahiu uma alliança politica e social com o partido dos Incas pelo seu casamento com a sra. Francisca Cernadas, pertencente como elle á familia imperial de Manco-Capac.»

Conhecem-se documentos diplomaticos dessa epoca.

Quando o general Santa Cruz esteve, em 1828, em Valparaizo, tendo o cargo de ministro plenipotenciario do governo do Perú, tratou de estreitar relações de amizade com o sr. Carlos de la Forest, consul geral da França no Chile.

De certo o militar e diplomata peruano pretendia realisar um plano que falhou devido a revezes que ocorreram . .

Embora fosse a Inglaterra a grande protectora da politica americana latina, o general Santa Cruz pretendia aproveitar as suas sympathias pela França.

Na sua residencia da Bolivia, elle, inaugurou «uma politica de proteção aos estrangeiros. O «Iris», de Chuquisaca, publicava que—desde que S. E. o sr. presidente, tomou posse, a palavra estrangeiro tinha desaparecido do dicionario politico da Bolivia.»

E para atrahir os estrangeiros, elle, decretou que Cobija fosse um porto franco e deu-lhe o nome de La Mar.

A sua correspondencia com o consul de França principiou por pedir-lhe que o governo Francez reconhecesse a Republica da Bolivia, e depois renovou este desejo enviando ao sr la Forest a nota especial de don Mariano E. Calvo, ministro do Exterior, para que a França nomeasse um representante e facultasse a vinda de emigrantes para as terras bolivianas.

Em nova carta áquelle funcionario francez, o general Santa Cruz, entre outras considerações amistosamente feitas, diz :

«A missão de um consul geral seria tambem muito necessaria, tanto para

mostrando-se capazes de vender tudo, mas tudo, a troco da *chicha*, a decoção que consomem.

Os indios de entre Argentina e Perú tambem tiveram n'outras eras uns certos pruridos de embellezamento phisico e é por tal motivo que nas antigas sepulturas indigenas bolivianas, junto de objectos de ceramica incásica, do dominio dos *Yungas*, e reveladores de varios estados de alma são encontrados cadaveres de indios com os dentes talhados em forquilha n'um capricho identico ao dos *Bataks* de Sumatra, aos *Okandas* da Africa Occidental e aos *Bagobos* das Philipinas, etc.

---

zelar pelos interesses dos subditos de S. M. Christianissima como para testemunhar a maneira affectuosa com que serão tratados, e principalmente para estabelecer relações de comercio tão importantes para as duas nações.

Si o posto que exerceis tão honrosamente no Chile não me permitte esperar que pudesseis ser acreditado na Bolivia, ao menos seja-me permittido desejar que a pessoa que for nomeada vos eguale porque estou intimamente persuadido de que outra não teria mais direitos e facilidade para merecer o reconhecimento dos bolivianos, inspirar-lhe maior confiança e estabelecer accordos reciprocos.»

O consul la Forest remetteu esta correspondencia ao ministerio do Exterior recomendando que: Estava no interesse politico da França não descuidar de corresponder ás benevolentes disposições do governo boliviano e de nomear um representante junto do general Santa Cruz, que era um dos chefes principaes que mais tarde teria de decidir da sorte futura das republicas americanas.

— Os desejos do presidente da Bolivia não puderam ser attendidos. A França não podia acoroçoar empresas de imigração para a America, mas agradecia ao general Santa Cruz os sentimentos de sympathia que o animavam.

E não tendo nomeado agentes diplomaticos, o ministro conde Molé pediu ao ministro da Marinha e das Colonias, em nome do rei que: O reconhecimento da independencia das nações sul-americanas lhes fosse communicado por intermedio da real armada.

Foram os officiaes encarregados desta missão portadores de instruções para os governos desses paizes enviarem seus representantes a Paris para negociarem tratados de amizade, commercio e navegação... Os representantes que fossem nomeados podiam, então, transportar-se a bordo dos navios da armada franceza.

Mas, os planos do general Santa Cruz não vingaram para a creação de uma confederação do Perú com a Bolivia, e mais tarde com outros paizes do Pacifico. A guerra com o Chile e a sua derrota na batalha de Yungai, pelo general Manuel Bulnes, desfizeram os projectos que elle construira.

A estima do glorioso caudilho boliviano pela França existiu até ao seu fallecimento em St. Nazaire, no anno de 1865, quando exercia em Paris um cargo diplomatico.»

Usam tambem, algumas vezes, do *curaré* nas suas frechas conseguindo-o talvez das tribus do Orinoco, Rio Negro e Amazonas que vão extrahir aquelle veneno mortal da *Strychnos Toxifera* (Schomburgh) existente na região amazonica e nas Guyanas. Trazem penas na cabeça, caracteristico e exclusivo ornamento do indio d'aquellas paragens. Um americanista notavel, o sr. Rodolfo Cronau explicou recentemente que tal diadema emplumado tem uma origem religiosa. Ha, segundo elle, na America Central uma ave, de rara formosura, de penas verde-esmeralda e larga cauda de matizes metálicos, que vinha a ser para os antigos indios, especialmente os mexicanos, o que a fabulosa Phoenix era para os gregos e romanos da epocha classica. Chama-se essa ave *quetzál* e a sua figura apparece-nos nos sellos postaes de Guatemala symbolisando a liberdade visto esse passaro não poder viver captivo. Na mythologia mexicana era o symbolo do astro-rei, o emblema de Quetzalcoatl (o deus principal dos aztecas, senhor do sol nascente e do ar puro). O *quetzál* apparecia frequentemente nos baixos relevos dos templos mexicanos sob a forma de ave pousada sobre o *Tonacuahuitl* (arvore da vida) ou em forma de cruz entre sacerdotes que lhe fazem offertas. Encontra-se, n'esta forma, no templo de Palenque em Chiapas e em varios muitos outros sanctuarios cujas ruinas ainda existem nos bosques meridionaes do Mexico. Em virtude d'essa adoração o *quetzál* gosou de uma protecção sem limites. O chronista Francisco Hernandez diz-nos que ninguem, sob pena de morte, poderia matar uma ave d'essas. Sómente certos caçadores podiam apanhal-as vivas para que as suas penas fossem enviadas, como tributo, a Temixtitlan, residencia do governo azteca. Serviam para adorno dos templos, para confecção de estandartes sagrados do exercito e, sobre tudo, para enormes diademas, especie de corôas, que só o imperador e os altos dignatarios podiam trazer na cabeça. Uma d'estas corôas, que pertenceu ao proprio Motezuma, conserva-se no Museu de Historia Natural de Vienna.

Trazida do México por Hérnan Cortez foi offerecida por este conquistador ao Papa Clemente VII que, por sua vez, a enviou ao archiduque Fernando II, do Tyrol, em cujo castello esteve até 1878, anno em que, depois de convenientemente restaurada, passou ao citado Museu. Esse diadema, além de umas qui-

nhentas caudas de *quetzál*, tem penas de outras aves e apresenta numerosos adornos fabricados em ouro. O costume do diadema de plumas entre os altos dignatarios irradiou-se do México aos paizes visinhos e as tribus que desconheciam o *quetzál* serviram-se, então, das penas de águia, para o mesmo fim.

Os indios usavam, e ainda usam alguns, as penas na cabeça como sendo um symbolo do sol, base das suas crenças e emblema, portanto, da força e da auctoridade. De olhos postos tambem na sua *Tihuanuco*, cujas ruinas foram recentemente descobertas no cerro de *Tucambú* (Paraguay), os indios *chaquenhos*, como todos os seus visinhos até ás regiões mais altas do Perú, onde fica a estação de Condor, cantavam e ainda hoje cantam, durante os seus trabalhos agricolas, a monotona *harahuai* ou *yaravi*, a *huancay* e *aránhuay* (dos quíchuas peruanos), a *huaynú*, a *haylli* (como *La Céguia)* a *huancylli* ou *huaylli*, a *huayllia* (como *La palomita forastera)*, a *ayataqui* ou *huacataqui*, a *viúda*, a melodiosa *Kena* e os melancolicos *tristes* dos *pampas*, á imitação dos famosos *estylos criollos* do Uruguay e Argentina e bem assim das gentis *vidalitas* cheias de graça e harmonia.

O Paraguay, que Blasco Ibañez appelidaria tambem de — Terra dos Laranjaes Floridos—, com harmonias nocturnas, cheio de pitoresco e tradicções guerreiras é a bella, embora pequena republica que outro nosso amigo e amigo d'O'Leary, o grande poeta uruguayo do *Tabaré*, Juán Zorrilla de San Martin, (1) cantou em lindas palavras de louvor. A esse egregio auctor de *Leyenda de Patria* devemos a nossa apresentação ao illustre e saudoso Enrique Rodô, auctor do famoso *Ariel* e que foi em

---

(1) Advogado ilustre, espirito combativo e brilhante, auctor do *Tabaré* considerado o poema nacional uruguayo. No exemplar que possúo quiz Zorrilla dedicar algumas palavras de grande admiração a Portugal, palavras essas que publicarei n'um outro trabalho.

«*Tabaré* encierra el alma de un poeta, el destino impenetrable de una raza y la naturaleza de America; es la revelación profunda de tres realidades que muy contados hombres alcanzan; constituye a juicio de Maurice Barrés un capitulo en la Biblia de la Humanidad compuesta con las epopeyas de todos los pueblos» — Lauxar — *Motivos de Critica Hispano-Americanos.*

vida o maior prosador hispano americano. (1) Quando desembarquei do *Berna* e saltei em Assumpção para, dentro de dias, embarcar no *Aurora*, a caminho de Corumbá (Matto Grosso—Brasil) de onde me transportei a Puerto Suarez, na Bolivia, em busca de dados comprovativos do que hoje affirmo, quiz o accaso deparar me estas palavras de Ruben Dário, na *Mundial:*

« — Ni hemos de omitir tampoco el nombre de quien ha sido calificado como el más brillante de los poetas nuevos del Paraguay: Juan E. O'Leary, periodista valiente y autor de libros evocadores. Com O'Leary han contribuido al realce de las letras continentales Ignacio A. Pane, Manuel Codas, Alejandro Brugada, hijo, y otros que en el momento no recordamos. Todos ellos intelectos meritorios.

No de otro modo puede ser un pais, en donde lucen figuras como las que presenta Silvano Mosqueira en sus «Semblanzas Paraguayas», que acabo de recibir y que me he complacido en leer.

En el prólogo explica Mosqueira: La importancia de una Nación no se juzga sólo por su riqueza económica, por los millones depositados en su tesoro, sino *tanbién y mui principalmente, por la cantidad y calidad de sus hombres de pensamiento». Luego nos habla de Manuel Dominguez, Cecilio Báez, Blas Garay, Héctor Vélasquez, Manuel Gondra y Juan Silvano Godoy, de modo entusiastico e justiciero».* — Fala depois Ruben Dário da prophecia que Mosqueira fez ácerca de Gondra vaticinando-lhe a presidencia da Republica que elle já occupou e voltou a occupar

---

(1) Rodó, desgostoso, tendo abandonado a sua terra, veiu a fallecer em Roma.

A sua obra mais celebrada no Uruguay é o *Ariel* que possúo com uma dedicatoria firmada pelo punho do auctor.

« — Ariel encontró camiño abierto por las obras anteriores a España y toda America.

El publico agotó en pocos mezes — caso unico en el Rio de la Plata — la primera edición de *Motivos de Protéo*. Todos los ejemplares de *El Mirador de Próspero* fueron adquiridos por un librero la misma semana en que se puso en venta la obra.

La gloria ha acompañado al autor en su aislamento.

A medida que su fama se difundia en las naciones de lengua castellana, ha debido sentirse cada vez mas solo ante sus conterraneos.»

Lauxar – *Motivos de Critica Hispano-Americanos.*

recentemente depois da sua ultima estadia como representante paraguayo na America do Norte.

Lisoni, na sua monographia sobre o Paraguay admirou a fertilidade do seu sólo regado por copiosas correntes, os seus bosques cheios de madeiras preciosas, as grandes plantações de *herva-matte* (verdadeira mina vegetal que produz annualmente umas 17.600:000 libras) o *quebracho* rosado, o *páu-rosa,* a *arvore do incenso,* o *bombax da seda,* o tabaco (cuja colheita annual attinge 6.000:000 de libras), o algodão que exporta largamente para a Hollanda e Inglaterra, o azeite de *petit-grain* feito de sumo de folhas de laranja nos destiladores do districto de Jaguarão (Yaguarón), o cultivo do arroz sob o patrocinio da Sociedad Nacional de Agricultura, a pecuária, a mineralogia e tantas outras enormes fontes de riqueza que não seccáram apezar da tormenta desencadeada sobre aquelle paiz com a espantosa guerra que durou de 1865 a 1870. O Paraguay com os seus palmares, laranjaes, coqueiros, victorias-régias, ñândutis (finissimas rendas), cal, couros, sal, tanino, cigarros, licôres, rêdes de dormir, plantas textis, tintureiras, oleaginosas, gomosas, medicinaes, de adorno, extractivas, venenosas e exoticas, com a sua fauna e a sua flora de uma rarissima pujança, foi buscar o seu nome á tribu dos *Carios.* Habitou outr'ora a costa oriental do rio *Payaguá-i* que significava tambem *Agua de los payaguás* porque os indios *payaguás* eram os unicos que navegavam a sua corrente desde a lagôa dos Xaráyes até mais abaixo do Colastiné que desagua no Paraná. Deu-se depois a aliteração de um *y* por um *r* e de um *i* por um *y*. Outra versão, dada por mais exacta, é a que faz de *Paraguay* synonimo de *«rio coroado»*, de *Paraguá* — «corôa de palmas» e *i* — «agua ou rio». Situada no centro da America Meridional, entre o Brasil, a Argentina e a Bolivia, dividida em regiões, occidental e oriental, tem a Republica do Paraguay uma superficie de 445:000 kilometros quadrados, aproximadamente, e o seu perimetro é de 3:627 kilometros sendo 735 de linha terrestre e 2:892 de costas fluviaes. Em 1911 dispunha de 700:000 habitantes. O seu clima e a sua salubridade e encantos são de tal ordem que perto da capital, sobre a lagôa Ipacarai, os imigrantes allemães fundaram uma riquissima colonia que denominaram *San Bernardino* e que é hoje um dos balnearios preferidos

por muitos estrangeiros que para ali se dirigem até da Bolivia, Uruguay e Argentina. Já disse que a lingua official é o hespanhol mas que se fala correntemente o guarany, tanto em Assumpção como em todo o litoral.

«*Los indios todavia en estado selvage*» — diz-nos Héctor F. Decoud, na sua *Geographia de la Republica del Paraguay* (1911) — «*esparcidos tanto en la parte oriental como en la occidental de la Republica, hablan sus idiomas propios, que por lo general llevam el mismo nombre de las respectivas tribus.*»

O Paraguay mantem um grande comercio com os povos visinhos e muito especialmente com o Estado de Matto Grosso (Brasil) devido á constante carreira fluvial dos seus vapores de carga e passageiros. (1)

Todos os imigrantes, sem excepção, são bem recebidos ali e «*leyes beneficas de estimulo e proteccion al extrangero, facilitan su entrada al pais y llega á radicar-se vantajosamente*» (H. F. Decoud — obra cit.). Falta apenas áquella republica sul americana um porto de mar que dê livre passagem ao seu commercio que é intenso e progressivo.

A Bolivia, que deve o seu nome a Bolivar, occupa uma extensão de 1.226.000 kilometros quadrados e tem mais de 1.734.000 habitantes, é um paiz montanhoso formado por planaltos de cordilheira mas, sendo relativamente pouco fertil na sua pecuária e produção agricola, é extraordinariamente abundante em varios minerios. O ouro, a prata e o cobre são as suas principaes fontes de riqueza.

Quiz tentar a viagem a La Paz partindo de Puerto Suarez, acima de Corumbá, na provincia de Chuquisaca, departamento de Santa Cruz, mas teria sido uma epopeia á qual se oppuzeram as proprias autoridades locaes.

---

(1) Em 21 de Janeiro, de 1922, a imprensa brasileira publicava a seguinte noticia relativa a novas comunicações por via ferrea: —

«O sr. Epitacio Pessoa, presidente da Republica, recebeu do presidente do Paraguay um telegrama de congratulações, por ocasião de promulgar a lei autorisando a construção da estrada de ferro ligando os dois paizes, por ser considerado o facto como o testemunho da solidariedade americana prenuncio do cultivo comercial, intelectual e pessoal, por intercambio e exemplo dos estadistas que proporcionaram esse projecto como um acto de verdadeira confraternisação.»

Legacion de Bolivia

Asuncion. 28 de Julio de 1916.

El suscrito E. E y Ministro Plenipotenciario de Bolivia en el Paraguay, saluda atentamente á las Autoridades de su Patria y tiene el agrado de recomendarles al ilustre literato y distinguido caballero portugués Dr Mario Monteiro, portador del presente pliego, y que se propone hacer una gira por nuestro pais

Les pide que se sirvan atenderle como corresponde, facilitándole el viaje y proporcionándole los datos que como periodista y ameno conferencista ha de utilizar seguramente en beneficio de Bolivia, que necesita ser conocida en el exterior por huespedes tan distinguidos como el Sr. Dr Monteiro

Agradeciendo anticipadamente todas las atenciones que han de prestar al viajero, reitera á las autoridades de Bolivia las consideraciones mas distinguidas, se muy atento S.S

Ricardo Mujia

LEGACION DE BOLIVIA EN EL PARAGUAY

A las Autoridades de Bolivia.

Primeiro "pliego" do Embaixador da Bolivia, sr. Dr Ricardo Mujia, recomendando Mario Monteiro ás autoridades bolivianas

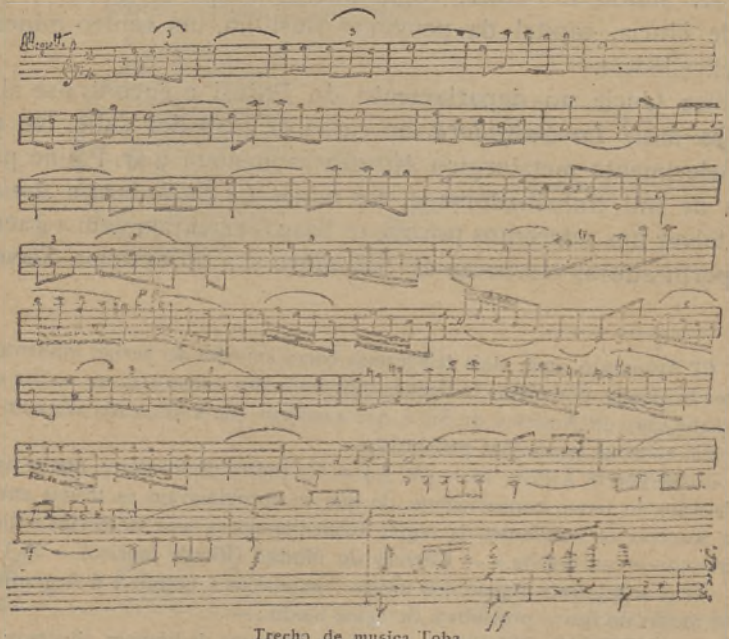
Dias antes, os indios *chiquitos* haviam decapitado uns caixeiros viajantes de uma casa comercial extrangeira, de Corumbá, e o delegado nacional, civil e militar, boliviano, então o sr. Dr. Sandovar, offerecendo-me uma taça da tal *chicha* (bebida fermentada de milho — *maiz* — com vinagre ou canela) (1) ao passo que outros, a meu lado, comiam *maçáo* (carne seca moida com arroz)

(1) «La *Chicha* y la *aloja* eran elementos indispensables de los que no puede prescindir el indio cuando está de fiestas...» —

Viaje al Pais de los Tobas — Oliveira Cezar.

— Emquanto a *chicha* é servida em vasilhas de barro, copos e taças, ainda hoje, com todo o cunho primitivo caracteristico, ha bailados em volta de grandes fogueiras de troncos secos, ao som da flauta com acompanhamento de canto.

Entre as musicas mais em voga é curioso destacar esta especie de tango:



Trecho de musica Toba

— Strabão, falando-nos dos celtas, diz-nos que era tambem usual entre elles uma bebida licorosa feita de cereaes e analoga á cerveja actual. Ora é precisamente esse o aspecto da *Chicha*.

Os egypcios, desde remotos tempos, preparam e bem a *zithùs* (decoção de cevada) e os chinezes preparam com o arroz uma bebida alcoolica — *zam-zom* — em tudo semelhante á *tiquira* que, assim, se obtem, ainda hoje, no Maranhão, e que vem dos usos dos indios occupantes d'aquellas regiões.

e ainda outros cantavam em *chiquitano*, não me deixou passar adeante de Puerto Suarez a caminho de Sant'Ana, o terminus da primeira marcha. (1) E por esse lado nada mais consegui, apezar do *pliego* ou carta de apresentação official que me fôra dado pelo sr. Dr. Ricardo Mujia, escriptor illustre e um dos mais brilhantes intellectuaes e diplomatas bolivianos, a esse tempo representante do seu paiz em Assumpção.

Razão tinha elle na carta amavel que particularmente me endereçou e que transcrevo tambem.

O estanho é a mais consideravel fonte de receita na Bolivia. Exploradas as suas minas que por toda a parte enchem o solo, o seu melhor aproveitamento deve-se porém á empreza fundada pelo sr. Simon I. Patino, cognominado o *Rei do Estanho*, que fez de Uncia, capital da provincia Bustilho, um centro mineiro por excellencia.

Fica Uncia no departamento do Potosi e encontra-se ali a famosa mina *La Salvadora*, no cerro de Juan del Valle. No seu estabelecimento metalurgico *Miraflores* mantem o sr. Patino para mais de mil trabalhadores e nas minas *La Salvadora* e *Aminas* tem talvez uns setecentos porque os braços rarearam com a guerra. As perfuradoras electricas de *Salvadora* são do systema *Sienens-*

---

(1) Apresento aqui, dois telegramas como amostra do perigo iminente nos pontos habitados por tribus indigenas que ainda são numerosas em muitas zonas não habitadas da America do Sul e que avançam, dia a dia, cada vez com mais audacia, sobre as povoações proximas:

«— BUENOS AIRES, 14 — (A. A) — Os indios da fronteira, que se haviam sublevado, ao terem conhecimento de que se aproximavam as tropas enviadas para socorrer os habitantes da região suspenderam as suas violencias e fugiram internando-se na Bolivia.» — *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro) — 15-11-916.

Dias antes deste ataque dos indios fronteiriços á Bolivia e á Argentina, alguns indios do Brasil procediam de egual modo: —

«— ENGENHO CENTRAL, 11 — Pelas 10 horas de hontem, diversos indios Tymbiras atacaram algumas balsas, assassinando barbaramente uma mulher, ferindo mortalmente uma velha e uma menina Esse monstruoso crime foi praticado a tres leguas distante d'aqui, onde ha um posto telephonico da Repartição Geral dos Telegraphos» — *A Noite* (Rio de Janeiro) — 12-11-916.

A Noite, de 11 de Fevereiro de 1921, publicou tambem, na primeira pagina, alguns detalhes relativos á morte do telegraphista Avila, da Comissão Rondon, em serviço na estação de Juruena, trucidado pelos indios Nhambiguáras.

Legacion de Bolivia

Asuncion, Agosto 28 de 1916.

No habiendo podido realizar el Sr. Monteiro su viaje á Bolivia, por la region oriental, á causa de sin convenientes agenos á su voluntad, el suscrito hace extensiva la recomendación que antecede á las autoridades del trámite, por la vía que encuentre mas conveniente, á fin de que ellas le faciliten el viaje, como se espresa.

Ricardo Mujía

LEGACION DE BOLIVIA EN EL PARAGUAY

Oficial

A las Autoridades de Bolivia

(Desde Puerto Suarez)

LEGACION DE BOLIVIA EN EL PARAGUAY

GACIÓN DE BOLIVIA

2.º "pliego" do sr. Embaixador da Bolivia, quando a approximação dos indios *Chiquitos* impediram Mario Monteiro de seguir, por Puerto Suarez, para La Paz
Em baixo:—o envellope do primeiro *pliego* com a nota de "*oficial*"

Schukert. O sr. Patino, cuja residencia é em Oruro, tambem possue as minas de Kami, Japo e Huanuni, além de ser concessionario das importantes vias ferreas: de *Machacamarca* a *Uncia* e de *Cochabamba* ao *Chimoré.*

Em 1912, a empreza Patino exportou da Bolivia 14.098.558.014 kilos de estanho e os impostos para o erario nacional renderam, só d'aquella empreza, 1.028.246.85 pesos bolivianos.

Oruro, que é atravessado pela linha ferrea que vae de Antofogasta a La Paz e entronca, ali, com o ramal de Cochabamba, occupa, por seu turno, um logar importante no movimento economico boliviano. Rodeada pelas *pampas* infindas, onde ruge o vento levantando torvelinhos de areia, encontram-se nos seus suburbios os grandes centros mineiros de San José, el Socavón, Poopó, Sorasora, Avicaya e outros mais que fornecem, incessantemente, o estanho, o cobre, o bismuto, o wolfram e o antimonio.

Nas lavras mineiras de Oruro acham-se empenhadas enormes fortunas nacionaes e estrangeiras e, pela valorisação dos mineraes, durante a guerra, fizeram-se ali, rapidamente, fortunas colossaes. Oruro é o centro da rêde ferroviaria boliviana que tem a maior das influências no intercambio comercial do paiz e, depois de La Paz, é o mercado boliviano de mais reconhecida importancia. Segundo informações constatadas pelo Congresso da Bolivia, a exportação de minerio, em 1914, foi de 19.059 toneladas e, em egual periodo de 1915, subiu a 20.894. Na cidade de Arica já foi fundada uma companhia, com o capital de £ 50.000 para a exploração das minas de chumbo e outra, em Corocoro, com o capital de £ 100.000 para a exploração das minas de cobre. O sr. W. Jaime Molins descreveu-nos com todo o brilhantismo, em *Caras y Caretas,* de Buenos Ayres, o que é o funccionamento intrincado, perigoso e offegante, de uma mina de estanho na Bolivia, *En el pais de los metales* como intitulou o seu artigo. Era o estanho dedicado a Jupiter e designado com este nome pelos alchimistas da antiguidade. Os egypcios serviram-se d'elle para obter varias ligas e n'esse mesmo paiz dos Pharaós foram encontradas varias estatuetas de bronze coevas das pyramides. Raras vezes em estado nativo, e quasi sempre combinado com o oxigenio ou com o enxofre, tem feito grande parte da riqueza do

Asunción 28 de Julio de 1916.

Para el Sr Mario Monteiro

De paso á Bolivia

Vá V. á emprender un penoso camino", le decía De Puerto Suarez á Santa Cruz.' Las incomodidades de la ruta, hoy casi abandonada, la soledad, la monotonía del paisaje, las inclemencias de la Naturaleza, todo parecerá contrariar sus propósitos de investigador y de viajero.

Pero V. es artista y el espíritu del Poeta se sobrepone á todos los contrastes, vuela como paloma del cielo, sedienta de amor y de infinito, con el aletéo de sus sueños rasga las monotonías del paisaje, acudiendo allí, donde hay que despertar lo que duerme en el olvido, y donde debe adormecer lo que agita el dolor La soledad vibrará con sus arrullos, y ella, el ave del cielo, pasará, mirándose en la transparencia del lago azul, escuchando abajo de su vuelo los rugidos del torrente, confundiéndose en el candor de las nieves... pasará sobre el lodo del pantano, y entre el gemido de los vientos vagabundos . cantando, encima de las inclemencias de la Naturaleza y á través de sus esplendores

Así, querido amigo, su espíritu vencerá todas las contrariedades de su penoso viaje, símbolo cercano del viaje de la vida.

Que llegue V. á término feliz, donde la Esperanza le sonría siempre

Ricardo Mujía

Carta affectuosa do sr. Dr. Ricardo Mujia embaixador da Bolivia, no Paraguay

Mexico, do Chile, da Hespanha, da França e da Allemanha que o exportam. A maior quantidade provém, no emtanto, das fertilissimas minas do condado de Cornuailles, na Inglaterra, e da peninsula de Maláca e ilha Branca, na Malásia. É n'estes dois ultimos logares que se encontram as jazidas mais ricas do mundo. As pépas de ouro oriundas da Bolivia, por exemplo dos «lavaderos» de *Chuquiaguillo*, propriedade do sr. Benedicto Goytia, atingem raras proporções, as *palliris*, mulheres que separam os mineraes nos engenhos, não teem mãos a medir e até os diamantes não raras vezes aparecem fortuitamente no adobe das casas como tem succedido tambem em Diamantina, antigo Tijuco (no Brasil) e em Kimberley. O Museu Mineralogico boliviano, installado sob os auspicios do respectivo Ministerio da Justiça e Industrias, possue exemplares verdadeiramente extraordinarios e valiosos. Comtudo esse progresso mineiro mais se accentuará no dia em que se estabeleça uma ampla rêde de comunicações. Basta dizer que as viagens entre Potosi e Sucre ainda ha pouco eram feitas em automoveis guiados por chauffeurs norte-americanos e, sahindo de Sucre ás 6 horas da manhã, só chegavam a Potosi ou á cidade da Prata, ás 4 horas da tarde. Percorriam 166 kilometros atravez de desertos onde appareciam os indios que muitas vezes invadem, ao sul, a fronteira argentina tal como no Brasil os *tymbiras*, para não citarmos outros, invadem os logares povoados como, ainda ha pouco, o fizeram no Engenho Central, no Estado do Maranhão. Para seguir do Paraguay á visinha Bolivia, é necessario transpor-se um largo mar de angustias, privações e incomodos de toda a especie entre os quaes se avolumam, certamente, as *punas*, o *mal das montanhas*, o *apunamiento*, o *soroche*, *sorojchi* ou *véta* dos peruanos, que é o terrivel enjôo produzido pelo frio intenso das geleiras e pela vertigem das alturas e consequente rarefação do ar. Esse mal deu o nome a Puna de Atacama, nos Andes, onde, principalmente em maio, caem grandes nevadas como as que chegam a interromper o transandino da Argentina ao Chile. Lá n'aquellas alturas, não ha o mal apenas que se nota em Alto Crucero, na Bolivia, onde, todas as noites cae neve e o calor é suffocante ao meio dia. Não é só a mudança brusca de temperatura. Os viajantes incautos chegam a cegar nas regiões do altiplano porque a seguir á neve vem o terrivel «*viento blanco*» que

a pulveriza produzindo um frio insuportavel e arremessando-a, com força, de encontro a tudo e a todos. O sangue chega a espirrar pelos olhos e pelos ouvidos, ha dôres violentas de cabeça e o organismo é atacado de um mal estar geral e permanente. O retardamento da propria acção nervosa chega a motivar gravissimos accidentes taes como a paralysia do coração. Usa-se como antidoto seguro d'esse mal a cocaina, extrahida, como se sabe, da *coca*. Só asim, com tal remedio, os viajantes conseguem alguns alivios.

O meu bom amigo Juan Stefanich, illustre paraguayo, descreve primorosamente a *puna* no seu livro *Hacia la Cumbre*..., como delegado do Paraguay ao 3.º Congresso Internacional dos Estudantes Americanos em Lima (Peru—1912). Na Bolivia, como aliáz, em varios outros pontos do globo onde ha riquezas no sub-solo e os indios vivem entregues a si mesmo, esses selvagens, —e com elles muitos já cathequisados e até brancos—bebem *tonga* (beberagem indigena) com sangue, cahindo em extasis, para descobrirem assim, segundo creem, as mysteriosas jazidas de ouro e prata.

Comprehendendo o governo boliviano a necessidade absoluta e inadiavel de ligar todo o paiz com uma vasta derivação de linhas ferreas, sob a inspiração do presidente Montez, inaugurou já o ferro-carril Potosi-Sucre que, atravessando regiões ferteis e proprias para trabalhos agricolas, abriu mais largos horisontes.

D'ahi o pensar-se desde logo no aproveitamento do rio Pilcomayo, que banha toda aquella zona, para irrigar, por meio de canaes, as vastas planicies obtendo, assim, um grande desenvolvimento agricola e pecuario, (como nós, acelerando a irrigação, deveriamos fazer no Alemtejo) além de que tal linha vae beneficiar os proprios centros mineiros. Com essa via ferrea a antiga metropole colonial dos Charcas resurgirá e as fecundas provincias de Chuquisaca verão aproveitada largamente a sua incomensuravel riqueza até agora abandonada por falta de braços e de comunicações. De Buenos Ayres facil seria ir, dentro em pouco, se é que não se vae já, sem interrupção, a Cuzco, antiga capital dos Incas do Perú, atravessando (em Ferry-Boat) o lago Titicaca, ou ir mesmo até ao porto de Mollendo, no Pacifico. Logo que—o por tanto tempo mysterioso — Potosi esteja ligado aos principaes centros de população por uma vasta rêde ferro-viaria as machinas

¡Portugal!

Audaces sus marinos abrieron en las brumas del pasado la ruta de los mares tormentosos y trazaron con la quilla de sus naves el poema fabuloso del alma lusitana.

Camoens cantó sus hazañas.

Y en las estrofas épicas del canto inmortal, volaron por el mundo las tres glorias confundidas: la gloria del soldado, la gloria del poeta y la gloria de su patria: Portugal!!

Juan Stefanich

Asunción, Julio 28-1916

Carta de Juan Stefanich, então acadêmico de Direito em Assunção, autor do *Hacia la Cumbre*

a vapor substituirão necessariamente os burros e as *llamas* como conductores de carga e a riqueza potosiana renascerá com a exploração de todas as minas só tocadas, em velhos tempos, por processos rotineiros.

Ha uns quinze annos já que os bolivianos pensavam em levar o caminho de ferro até ás fortes regiões agricolas cujo centro populoso é Cochabamba. Está feito o ramal com Oruro e os resultados poderosos começaram logo a fazer-se sentir. Com a via férrea de La Paz a Arica augmentou a valorisação da Bolivia pela sua comunicação com o Pacifico. O syndicato que explora o ferro-carril de Antofogasta a Bolivia procura agora unificar os caminhos de ferro sul americanos. Quem tenha viajado do Amazonas ao Prata, como eu, e subido tambem o Paraná e o Paraguay sabe bem o que significa tamanha empreza.

Os paizes do Atlantico vão sentindo a atracção, a curiosidade pelos paizes do Pacifico.

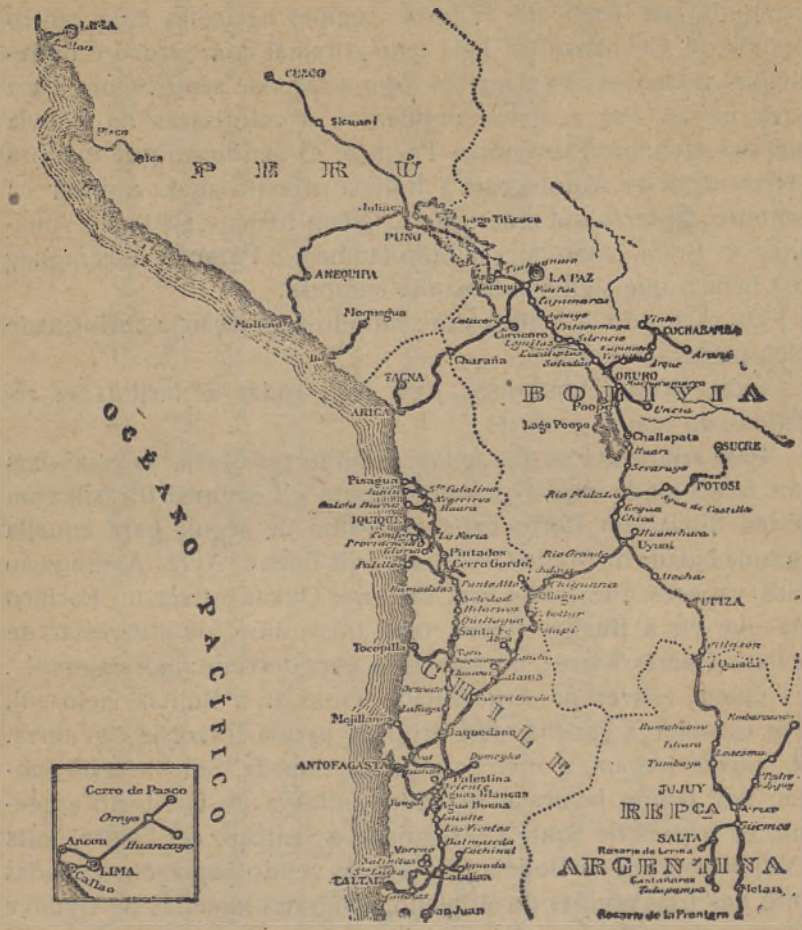
Urge proporcionar-lhes, para isso, todas as facilidades revestidas do maior conforto.

Para irmos até ao Paraguay, estando no Brasil, os caminhos mais faceis ainda são:—os:—via Itapura a Corumbá (Brasil) com ligação fluvial em Porto Esperança afim de seguir para aquella segunda cidade de Matto Grosso-ou a via Buenos Ayres-Assumpção pelos vapores que fazem essa carreira. Quem estiver no Pacifico terá que vir a Buenos Ayres, pelo trasandino, ou atravessar de La Paz a Puerto Suarez, por exemplo, para descer o rio Paraguay!...

Quem estiver na Argentina e quizer ir á Bolivia, pelo sul, deve escolher a epocha mais propicia para a travessia por terra. As chuvas travam a marcha ao excursionista. Se conseguir, porém, um tempo favoravel cruzando, atravéz do territorio argentino, os trigaes de Santa Fé, seguindo a Santiago del Estero, Salta e Yujuy, entrará na Bolivia por Tupiza vendo paysagens variadas tanto nas frias regiões do altiplano, como nas mineiras de Uyuni e Oruro e na comarca, quasi arida, que antecede a aproximação de La Paz.

Em vez de ir por terra, evitando enfermidades e imprevistos que desalentam, ha quem prefira ir de Buenos Ayres a Mendoza, d'ahi a Valparaizo (Chile) seguindo a via ferrea de Uspallata. De Valparaizo passará a Antofogasta, que é o portico da Bolivia, se-

guindo depois a ligação com La Paz. Ha ainda a combinação Valparaizo — Arica e La Quiaca agora já ligada ou a ligar-se a Tupiza pela ponte metalica projectada pelo accordo argentino-boliviano. Guaqui vae ser ligado, ou já foi, por uma linha ferrea, a La Paz e, d'este modo, o lago Titicaca, tal como na ligação de



Ligação argentino-boliviana. N'este mappa estão indicados Potosi e o lago Titicaca

Buenos Ayres, por Ferry-Boat, ficará sendo uma comunicação importantissima sob o ponto de vista comercial pois que por elle, é que se faz agora quasi todo o transito entre a Europa e o Centro da Bolivia visto ser esse o caminho mais directo.

Da Europa podemos seguir a via Panamá descendo a costa do Pacifico até Mollendo e d'ahi a via ferrea deverá conduzir-nos a Puno passando por Arequipa. Atravessaremos o Titicaca, de Puno a Guaqui e d'ahi entraremos, depois, em La Paz.

Varias tem sido as tentativas feitas pela Bolivia para entrar directamente em comunicação com os seus visinhos mais poderosos atravez de estradas ou de um porto de mar que lhe falta mas tudo tem sido em vão. O ministro boliviano sr. Dr. José Carrasco, já fallecido, com o qual tive o ensejo de uma entrevista que publiquei n'*A Noite*, do Rio de Janeiro onde então nos encontrávamos, teve a tal proposito, certa vez, as seguintes palavras: —

«Quando foi concluida a construcção da estrada Madeira-Mamoré, julgamos ver um grande melhoramento para a Bolivia; mas é fora de duvida que essa estrada tem sido antes a ruina do comercio beniano, isto é da região que banha o rio Beni; trouxe ao paiz toda a classe de vagabundos e vigaristas, sendo a dita quadrilha composta de individuos de varias e differentes nacionalidades e é sómente nessa estrada que a dita quadrilha tem campo livre, de comum accordo para roubar descaradamente, tanto ao comerciante como ao passageiro que embarca; ao passageiro porque o agente da estação nunca tem dinheiro estrangeiro para trocar; ao comerciante porque lhe subtraem sempre algo da carga que embarca e da qual paga seus fretes».

A falta de um porto de mar é uma questão vital para a Bolivia. Encurralada e asphixiada no centro do continente sul americano, entre povos do Atlantico e do Pacifico, não tem um escoadouro maritimo para a sua producção crescente e multipla. Sem transportes, isolada do mundo, debalde tem appelado para os paizes irmãos. Chile e Perú recusaram-se terminantemente a dar-lhe um porto no Pacifico deixando-a assim n'um eterno captiveiro economico que a Argentina vae desvendando com a sua estrada de penetração e o Brazil cinge com a sua rêde fluvial. Poderia a Bolivia fazer escoar a sua producção exportavel pelo Amazonas comunicando, por tal modo, com rapidez, com a Norte America e a Europa mas o governo brazileiro ainda não se resolveu a decidir sobre tal assumpto que não implicaria, a nosso ver, o menor prejuizo da sua soberania.

Porque os povos que falam a mesma lingua são de mais facil absorpção, de fusão possivel por terem a mesma origem, mas tal não succede entre a Bolivia e o Brazil. Por isso é que o governo boliviano já pensou e até já resolveu respirar um pouco mais fundo inaugurando uma carreira fluvial de Puerto Suarez a Rosario de Santa Fé (Argentina), da empreza Benigno Lara mas a sua continuação encontrava se já suspensa, sem limite marcado, na epocha em que visitei aquelles dois portos (¹).

Reclús na sua Geografia Universal, traducção de V. Blasco Ibañez, a pag. 48, diz sobre tão momentoso assumpto que tantas horas amargas tem custado á Bolivia:—«*El dia en que el comercio boliviano tenga por el Paraguay su principal salida, Bolivia habrá cambiado de frente, mirando al Este y no al Oeste, como hasta aqui, con lo que se habrá acercado á Europa unos diez dias, y passará Sucre a ser la principal ciudad de la Republica, quitando esta preeminencia á La Paz, que es hoy la primera en civilización. Si en las assambléas politicas se hiciere algun aprécio del bien público, el Congresso boliviano trataria, antes que de ninguna otra cosa, de procurar á la nacion buenos caminos por donde comunicase con los demás, pués de esto más que de ninguma otra cosa depende la prosperidad de aquel Estado, el progresso de sus habitantes y su importancia en el mundo.*— »

(¹) *El Plata*, de Montevidéo, referia-se n'estes termos, em junho de 1916, á comunicação fluvial entre Puerto Suárez (Bolivia) e Rosario de Santa Fé (Argentina): —

— «A BOLIVIA POR AGUA — UN MILAGRO REALIZADO» —

Una empresa constituida con capitales argentinos y bolivianos, acaba de realisar el aparente milagro de dar comunicaciones por agua al más interior de los países de America: Bolivia. Ha estabelecido un servicio más ó menos regular de vapores entre el puerto argentino de Rosario, sobre el rio Paraná, y la parte navegable del rio Paraguay, hasta la que llega un extremo del territorio boliviano.

En esa última via, muy poco conocida generalmente, Bolivia posee algunas ensenadas y puertos utilizables que hasta ahora habian permanecido en completo abandono. Uno de estos, Puerto Suárez, es el elegido por la empresa aludida para punto terminal de sus viajes en el corazón del continente.

El vaporcito de esta empresa—pues por ahora es un vapor solo el que sirve á la linea — que ha hecho ya su primer viaje con carga y pasajeros desde Puerto Suárez á Rosario, es la primera embarcación que flamea bandera boliviana en puertos extranjeros, desde la época, un poquito lejana ya, en que Bolivia perdió su salida al Pacifico á raiz de la guerra con Chile.» —

Reclús disse bem, mas o *Conflicto do Pacifico* levado para a Liga das Nações não teve resolução pratica. Os srs. José Maria Escoliér, Abdón S. Saavedra, Félix Avelino Aramayo, Bautista Saavedra, Rosendo Villalobos, Ruck Uriburu, Demetrio Canelas, vultos de reconhecido merito nas sciencias juridicas, nas letras e

---

Um dos grandes enthusiastas dessa empreza, paralysada pouco tempo depois, era o eminente politico boliviano D. Benigno Lara.

— Como documentação historica vem aqui muito a proposito transcrever a carta que o ex-ministro da Bolivia no Brasil, o insigne estadista sr. D. José Carrasco enviou aos diarios do Rio de Janeiro quando resignou o seu alto cargo e regressou a La Paz: —

Rio de Janeiro, 18 de Mayo de 1920.

Presente.

Señor Director:

Su ilustrado diario de hoy, ha hecho editorialmente un comentario a los terminos de mi renuncia.

Necesito esclarecer que mi Gobierno al pedir para Bolivia el puerto de Arica, no se alía a Chile con el fin de arrebatar lo ajeno. Mi Gobierno por medios licitos pretende esa adquisición ofreciendo compensaciones, en forma clara y franca sin hacer diplomácia secreta.

La proposición de alianza con Chile, no es ni será aceptada por el Gobierno de Bolivia.

Mucho menos pretende el Gobierno de Bolivia sobornar la opinión de los pueblos vecinos ni de su prensa. Quiere la propaganda dentro de las reglas estrictas de la decencia y de la honradez.

Yo discrepo únicamente de mi Gobierno, respecto del puerto que se debe pedir. La Cancillería de mi país quiere adquirir Arica por medios licitos y honrados; yo creo que se debe pedir a Chile lo que es nuestro o un puerto que puede ceder donde posee sin disputa. Esta discrepancia ha determinado mi renuncia.

A fin de que la opinión juzgue de los fundamentos en que se apoya mi Gobierno para pedir Arica, he entregado a la prensa el Memorial presentado por el Delegado boliviano Dr. Ismael Montes a la Liga de las Naciones, que se ha publicado en los diarios de ayer y hoy.

Ruego a Ud. encarecidamente se sirva publicar esta carta que aclara la situación de este problema.

Reitero a Ud. las seguridades de mi distinguida consideración.

(a) José Carrasco.
Ministro de Bolivia

na politica, em vão abordaram tambem a celebre questão de Tacna e Arica sementeira de continuos conflictos e talvez a fonte de qualquer sangrenta colisão que o futuro nos reserva.

Eis pois, em traços largos, descriptos o meio que Aleixo Garcia encontrou e aquelle que actualmente existe no Paraguay e na Bolivia.

Pinheiro Chagas, em trabalhos diversos, ora dá Aleixo Garcia como portuguez, mas sem fundamentar de qualquer modo tal asserção, ora, ligeiramente, lhe chama «explorador paulista» o que não é positivamente a mesma cousa embora S. Paulo faça parte do Brasil e este fosse, ao tempo, um dominio de Portugal.

De S. Paulo sahiram, no seculo XVII, os arrojados *Bandeirantes* (nome derivado talvez do costume tupininquim, referido por Anchieta, de desfraldar uma bandeira em signal de guerra) e entre esses *bandeirantes* paulistas, devassadores de mattas virgens, rebuscadores de minas preciosas, e os seus collegas de Taubaté — que paulistas eram tambem! — havia tremendas rivalidades.

Mas o odio que mantinham mais arreigado e furioso era contra os *forasteiros,* os extranhos, entre os quaes avultavam os portuguezes.

Chamavam-lhes *emboabas* e entre uns e outros houve luctas constantes chegando até a ser premeditada a mortandade geral dos portuguezes. Succedia, assim, no sul o que, para o norte, se desenrolava tambem após a guerra hollandeza, em terras pernambucanas. Entre brasileiros *senhores de engenho* (proprietarios de quintas com moendas primitivas) residentes em Olinda e os negociantes portuguezes moradores no Recife, declarou-se uma inimizade tão profunda que os pobres *mascates* (como ali chamavam aos portuguezes) soffreram horas verdadeiramente amargas. E, com elles, todos quantos fossem «suspeitos de lusitanismo» segundo a phrase da epocha.

D'ahi o motivo porque, em 10 de novembro de 1710, foi lançado por Bernardo Vieira de Mello, dentro do proprio Senado de Olinda, o primeiro brado da independencia brasileira, contra os *mascates.*

Na mesma ordem de ideias deu-se, em 1720, o movimento de Minas Geraes onde tambem surgiu, em 1879, a celebre Inconfidencia Mineira e á revolta de 1817 succedeu, em 7 de setembro

de 1822, o victorioso Grito do Ypiranga, nas planicies de Piratininga.

A proposito da revolução pernambucana de 1817 o sr. João Ribeiro, illustre membro da Academia Brasileira de Letras, diz a pag. 104 da 3.ª edição dos seus *Rudimentos da Historia do Brasil (curso primario)*: —

«Dada a situação dos espiritos, era um mal que militassem na mesma fileira officiaes portuguezes e brasileiros, mixto que originava eterna intriga e suspeição de uns para outros.» —

Estatua de Pedro Alvares Cabral (parte superior do monumento, de Bernardelli,) no Rio de Janeiro

Se Pinheiro Chagas julgou Aleixo Garcia nascido em Portugal, ahi estão as provas que coligi e que, pela primeira vez, no nosso paiz justificam tão patriotica affirmação. Se lhe chamou portuguez julgando-o nascido no Brasil, deixei devidamente provado o espirito sempre regionalista brasileiro mesmo durante a phase colonial.

E, n'esse caso, reivindico para nós a gloria que, como pura e simplesmente paulista, serviu de base ás já citadas reclamações sobre certos limites territoriaes brasileiros.

A Aleixo Garcia, portuguez, **mas portuguez de... Portugal, metropolitano**, cabe a descoberta do Paraguay e da Bolivia essas duas progressivas nações sul americanas.

Perto d'elas, visinho bem chegado, fica o Brasil tambem descoberto, propositadamente, por um portuguez — Pedro Alvares Cabral — (1) e, mais ao sul, entre a extremidade da America meridional e a

(1)—**Cabral,** *Pedro Alvares*. Em seguida a este incidente, Cabral afastou-se da costa africana, acossado por furioso temporal, segundo alguns chronistas referem, descobrindo, ao cabo de 43 dias de amargurada e tormentosa viagem, um monte a que deu logo o nome de Paschoal, por ser esse o dia oitavario da Paschoa. A suceder assim, a maravilhosa descoberta teria sido obra do acaso; essa opinião, que por muito tempo prevaleceu, não foi, comtudo, aceita por todos

Terra de Fogo, o Estreito de Magalhães (¹) evoca as glorias de outro portuguez. A esse novo mundo anda tambem ligado o nome de um maritimo lusitano — Cristóbal (Cristovão) Jacques — descobridor das ilhas que receberam o seu nome. (Islario de Santa Cruz, em Harrisse).

---

os chronistas, sendo, recentemente, posta de parte por eruditos investigadores, os quaes opinam que *a um plano bem amadurecido se deve a descoberta do Brasil, e que Cabral não errou ao acaso pelos mares em furia, antes seguiu a rota que mais segura lhe pareceu para chegar á realisação do seu intento.* Se é certo que a sciencia da cosmographia e a arte de navegar não viviam em grande familiaridade com o ousado navegador, ha a notar que da guarnição das naus faziam parte homens experimentados como Pedro de Escobar e João de Sá, além de varios cosmographos abalisados, entre os quaes se contava o bacharel mestre João, hespanhol de origem, physico de D. Manoel e auctor do primeiro estudo que appareceu sobre a grande constellação austral.

E não teria mestre João, que em tanta privança vivia com el-rei, fornecido ao seu monarcha quaesquer indicações que, por seu turno, D. Manoel transmitiria a Pedro Alvarez?

Depois, é necessario ainda attentar em que da armada fazia parte Duarte Pacheco Pereira, que na expedição representava, até certo ponto, um como poder oculto, um inspirador espiritual de Pedro Alvares. A elle fôra, sem duvida, confiada parte das instruções particulares de el-rei, e elle devia ter dito ao famoso capitão que, a partir de S. Thomé, deveriam as naus ir sempre na volta do mar, «sempre guinando sobre a banda do sodoeste até meterem o Cabo da Boa Esperança em leste franco.» A critica historica corrigiu, pois, este ponto importantissimo, aureolando o nome do famoso capitão e dos homens que D. Manuel lhe deu por companheiros. Descoberta a deslumbrante e formosissima região, Cabral logo arvorou a cruz em signal de posse, dando ao vastissimo continente o nome de Vera Cruz, Santa Cruz ou Viva Cruz, nome que depois se mudou em Brasil. Tal foi a maxima façanha do grande navegador, descobrindo, no decurso da sua viagem, este belo, opulento e glorioso paiz.» — *(Encyclopedia e Diccionario Internacional).*

(¹) « — Se há uma gloria nacional que tenha por titulos incontestaveis a grandeza de um feito sem precedente, sem exemplos na historia das antigas navegações, é sem duvida a que resulta a Portugal de haver dado o berço, de haver educado em suas armadas e conquistas, e de haver aparelhado para notaveis descobrimentos ao insigne e nunca encarecido portuguez Fernão de Magalhães. Foram navios castelhanos que singraram em demanda de tão inspirada passagem do Atlantico para o Pacifico. Mas era um portuguez que ia por capitão d'aquella frota, e eram ainda ideias portuguezas, brios portuguezes, alentos portuguezes, bizarria portugueza, os que endireitavam o rumo na solidão dos mares, os que lutavam contra as insurgidas tripulações, os que pelejavam contra a ferocidade dos gentios, e que conquistaram para uma corôa estranha as Philipinas... Foi tão grande e tão ambiciosa a gloria do nosso afamado portuguez Fernão de Ma-

Tudo nos fala pois, n'essas paragens distantes, de gloriosos feitos que jámais se apagam. Eis o motivo porque me considero orgulhoso por ter, durante os oito anos do meu exilio politico na America do Sul, sentido de perto a façanha colossal de Aleixo Garcia tornando-a agora publica porque merece a admiração de todos os portugueses que até hoje a desconheciam...

---

galhães, que não só pagou apenas de deixar nos mares do Novo Mundo as imorredouras tradições do seu feito memoravel, senão que no proprio céu assentou padrão e monumento com que tambem nos fastos da sciencia fosse lembrado um nome já celebrado nos annaes da navegação. Ha no mar um estreito que tem o nome de *Magalhães*. Ha no firmamento duas prodigiosas *nebulosas* a que os astrónomos e mareantes chamam *nuvens* de Magalhães... Das duas nuvens de Magalhães... a maior, principalmente, parece, segundo recentes investigações, uma espantosa acumulação de acervos esféricos de estrellas de maior ou menor grandeza, e de nebulosidades irreductiveis...

O alto renome do navegador, diz Humboldt, e o tempo que durou a circumnavegação de Magalhães, a qual, havendo começado em Agosto de 1519, só veiu a acabar em Setembro de 1522. a longa demora de uma equipagem numerosa debaixo do céu austral, escureceram a memoria de todas as anteriores denominações, e o nome de *nuvens de Magalhães* se difundiu em todas as nações maritimas que povoam as costas do mar Mediterraneo.

Fernão de Magalhães, mais feliz do que Bartholomeu Dias e do que Vasco da Gama, conseguiu deixar o seu nome por padrão de sua fama no mar que primeiro devassou, no céu sob que passou primeiro do que nenhum outro navegador.» — LATINO COELHO — (Archivo Pitoresco — vol. — VI).

REGIMENTO DE INFANTERIA
BIBLIOTECA
N.º 32

Terminou-se a impressão numa tiragem limitada a mil exemplares destinados a venda, na

IMPRENSA AFRICANA
DE
ANTONIO TIBERIO DE CARVALHO
Calçada de Sant'Ana, 18 a 22
LISBOA

a 12 de Novembro de 1923.

RÓMULO
CENTRO CIENCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA
1329724951

LIVRARIA CENTRAL

14 A — Avenida Almirante Reis — 14 C

LISBOA

Algumas obras á venda:

O Agitador, por Fortunato Correia Pinto.

Album Republicano. Colecção de retratos de individualidades que se teem notabilisado no partido.

As alegres canções do norte, por Alberto Pimentel. 1 vol. ilustrado.

O Atheismo, por Felix Le Dantec, traducção de Faustino da Fonseca.

Atravez das edades, por Heliodoro Salgado.

Na Brecha, por João Chagas.

A côrte de Junot em Portugal, de Rocha Martins.

A descoberta do Brasil, por Faustino da Fonseca.

Encyclopedia do commerciante e do industrial, por Alberto Bessa.

A execução do Rei Carlos. Monarchicos e Republicanos, por Antonio de Albuquerque.

A familia Maldonado. Pathologia Social, por Vieira da Costa.

Figuras da Republica:

1.ª série: Alguns dos que partiram. 50 retratos, notas biograficas e uma carta de Luiz Derouet.

2.ª série: Alguns dos vencedores. 50 retratos, notas e apontamentos biograficos, por Luiz Derouet.

A giria portugueza, por Alberto Bessa.

Heroes modernos, por Afonso Gaio.

Os melhores sonetos da lingua portugueza. Desde Sá de Miranda até João de Deus, com retratos dos autores e uma carta do Dr. Candido de Figueiredo. Estudo por Fidelino de Figueiredo.

Mentiras religiosas, por Heliodoro Salgado.

As minhas razões, por João Chagas.

A razão de um padre. O bom senso do Cura Meslier. Traducção prefaciada por França Borges.

Sciencia e religião, por Malvert. Traducção de Heliodoro Salgado.

Viagem maravilhosa. por Faustino da Fonseca.

Vienna d'Austria e a sua côrte, por Victor Tissot. Traducção de Alfredo Galis, 2 vol.